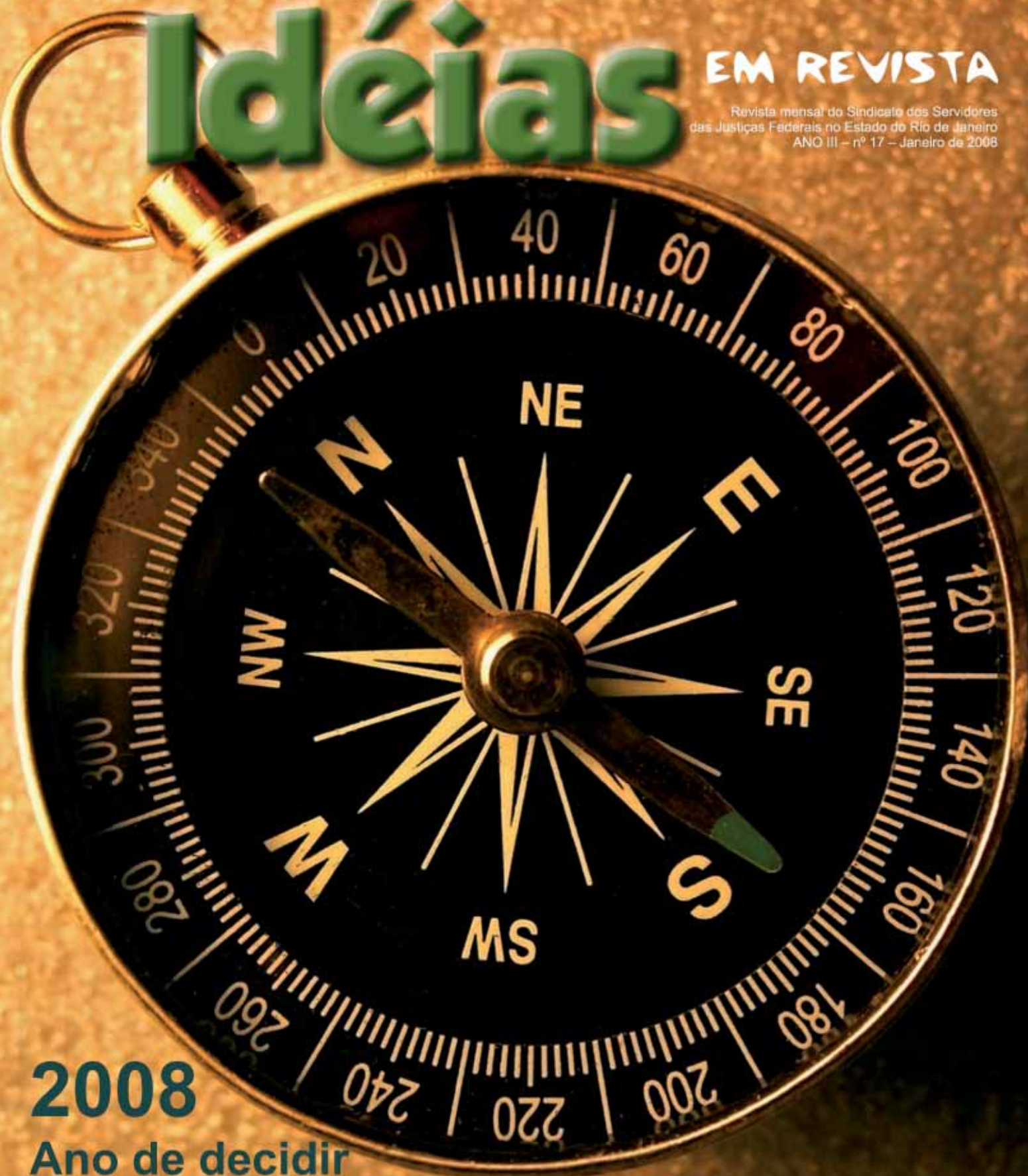


Idéias

EM REVISTA

Revista mensal do Sindicato dos Servidores
das Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro
ANO III - nº 17 - Janeiro de 2008



2008

**Ano de decidir
para aonde vamos**

TRT

Regulamentada
jornada de 7 horas

Fórum Social Mundial

Rio promove o maior
encontro do país

Novo convênio do SISEJUFE!

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO e
COLÉGIO DE APLICAÇÃO DOM HELDER CÂMARA

Concessão de descontos de 30% nos Campi: São Gonçalo/RJ, Niterói/RJ e Campos dos Goytacazes/RJ, nos cursos de Graduação e Graduação Tecnológica (Cursos Superiores de Tecnologia)

Concessão de descontos de 20% nos cursos de Pós-Graduação.

O desconto será calculado sempre sobre o valor da mensalidade do curso, na data de vencimento prevista para o dia 5 de cada mês.

Desconto de 30% para Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, Ensino Médio, Educação Especial e Educação Profissional nas unidades de São Gonçalo e Piratininga.



Projeto
Talento
em p r e s o

0800 25 7272 :: www.universo.edu.br

São Gonçalo: Rua Lambari 10, Trindade

Niterói: Rua Marechal Deodoro, 217/263, Centro

Campos dos Goytacazes: Av. Osvaldo Cardoso de Melo 856, Parque Dom Bosco

CMMC

Time Sharing - Turismo
A Sua Melhor Opção de Lazer

Tel.:(21) 3332-3895
www.cmmcturismo.com.br



Editorial

Estamos num ano eleitoral. Eleições sindicais nas Justiças Federais, eleições municipais no Brasil, eleições presidenciais no país que se considera a polícia do mundo. Antes que a disputa se acirre, o Sisejufe lembra que não pode faltar aos adversários bom-senso e respeito pela democracia.

Página 4

Cartas de Leitor

Servidor informa sobre curso de Direito Eleitoral. Leitor comenta a perda da histórica militante Vera Sílvia Magalhães, em dezembro.

Página 5

Sindicais – TRT

Max Leone informa sobre a regulamentação da jornada em 7 horas, no TRT. Sisejufe ingressa com ação pela correção da VPNI.

Página 6

Cultura

Umbate-papo com Dú Basconça, servidor federal e músico que coordena o Sarau Judicial Cool, do Sisejufe.

Página 7

Cultura

O Sisejufe faz um balanço da área de Formação e Cultura da atual gestão. Cursos, seminários, debates e festa – que ninguém é de ferro.

Páginas 8 e 9

Dicas Culturais

Bianca Rocha convida os leitores para um animado Baile Pós-Carnavalesco e para assistir televisão sob um novo ponto de vista. Para quem gosta de agito, vale pular bastante com o disco das melhores marchinhas de carnaval de 2008 e, para quem não é de muita folia, há também a biografia de um principais líderes políticos do século XX.

Página 10

Ano Eleitoral

Para Frei Betto, o cidadão precisa ter consciência de que político não é autoridade, é servidor.

Página 11

Ano Eleitoral

A grande imprensa não analisa precisamente os dados divulgados pelo TSE. A crítica é de Venício de Lima, do Observatório da Imprensa.

Páginas 12 e 13

**Fórum Social Mundial**

Veja na reportagem de Henri Figueiredo e Samuel Tosta como foi o evento "Rio Com Vida", no Parque do Flamengo, que marcou o Dia de Mobilização e Ação Global.

Páginas 14 e 15

Nossa História

No quinto artigo da série, Helder Molina fala do sindicalismo no início da década de 80 e da divisão entre a CUT e a CGT.

Página Central

Entrevista

Idéias em Revista conversou com os autores de uma das finalistas do 3º Concurso Nacional de Marchinhas de Carnaval da Fundação Progresso. Marcus Vinícius Monteiro e Everton Chierici, além de músicos, são servidores do TRE do Rio.

Páginas 18 e 19

Política

Roberto Ponciano critica a "tradição míope" e a "pureza sectária" de uma parcela da esquerda que anda de braços dados com o fundamentalismo religioso. "É a esquerda que a direita ama".

Páginas 20 e 21

Outra História

O escritor Eduardo Galeano narra momentos épicos da humanidade e mostra como o sangue dos derrotados escreveu a história oficial.

Páginas 22 e 23

Teia de Idéias

Bernardo Kucinski, professor da ECA/USP, desvela a linguagem do preconceito utilizada pela mídia e por alguns escritores consagrados para tripudiar do presidente Lula.

Páginas 24 e 25

Artigo

O escritor John Hemingway diz que 40% dos cidadãos norte-americanos aprovam a violência utilizada pelo governo durante interrogatórios. Ele qualifica o Estado como criminoso e diz que Bush é uma criação de todo o povo dos Estados Unidos.

Página 26

Oficina Literária

Cenário: Alto da Boa Vista. Trilha sonora: Frank Sinatra. Uma breve e fantástica história de desejo e sentimentos difusos, na verve de Marlene de Lima.

Página 27

Internacional

O jornalista britânico Robert Fisk demonstra que nunca caiu tão bem a um presidente em fim de mandato o apelido de "pato manco", dado a George W. Bush.

Páginas 28 e 29

Latuff

Um olhar sobre o infanticídio.

Página 30

Em julho deste ano teremos eleições para a nova diretoria do Sisejufe. A categoria dos servidores do Judiciário da União no Rio de Janeiro terá, mais uma vez, a oportunidade de eleger democraticamente os representantes que conduzirão a entidade pelo triênio 2008-2011. Para que o processo eleitoral transcorra sem problemas, é preciso que todos os interessados em inscrever chapas tenham bom-senso, respeito pela democracia e pela lisura da campanha.

No ano que passou, a atual diretoria do Sisejufe acompanhou com atenção diversas eleições sindicais, tanto no Rio como em outros estados. O que se viu, infelizmente, foi um festival de baixarias, um verdadeiro vale-tudo, denúncias de parte à parte, minorias acusando, sem razão, majorias de golpes e golpes de fato acontecendo. Não foram poucos os sindicatos que buscaram o Poder Judiciário para legitimar ou não os seus processos eleitorais. Muitas dessas brigas podem ser creditadas à disputa entre a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) – ambas em busca de um maior número de sindicatos filiados.

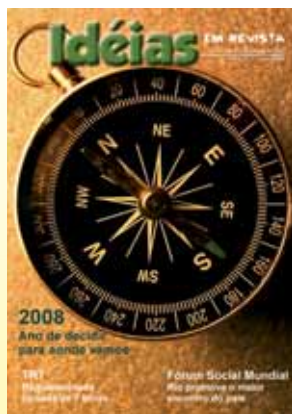
Diante desse quadro de disputa acirrada, motivada principalmente por questões de filiação de sindicatos a uma ou outra central sindical, o nosso objetivo, neste editorial, é indicar a necessidade de serenidade no processo eleitoral que se avizinha. Faltam, contudo, seis meses para a votação. Ainda assim, já constatamos o vírus do denunciismo vazio e covarde rondando a nossa categoria. Vazio porque desinformado e sem conexão com a realidade dos servidores públicos federais. Covarde porque apócrifo, como os impressos panfletários recentemente distribuídos nas varas e nos tribunais.

O Sisejufe trabalha para que esta não seja a tônica da campanha de 2008. Que em lugar de difamação e troca de acusações, possamos expor idéias e projetos de gestão e que a categoria eleja os que considerar mais aptos para o exercício da representação sindical e não os que têm maior ou menor grau de agressividade e capacidade de ofender os adversários.

Num ano em que a disputa eleitoral tomará conta da mídia, seja em relação às renovações em nossas prefeituras ou na briga pelo cargo mais poderoso do mundo, nos EUA, o Sisejufe registra, com orgulho, que em nossa história de movimento sindical nunca houve uma única denúncia de fraude ou golpe.

Estaremos trabalhando para manter o nosso processo eleitoral na mais estreita legalidade, para que a chapa vencedora seja legitimada nas urnas e não na Justiça. Uma eleição tranqüila dará credibilidade à nova diretoria, a ser empossada em agosto. O sindicato não é propriedade de nenhum grupo político. É patrimônio e representação do conjunto categoria.

Uma campanha realizada com ética, respeito e serenidade, onde seja possível debater idéias em lugar de agressões, dará à próxima gestão a possibilidade de continuar a luta pelos direitos dos trabalhadores construindo um sindicato cada vez mais forte. Ao olharmos para trás vemos que nós, servidores do Judiciário da União no Rio de Janeiro, já conquistamos muitas coisas através da organização sindical. Com uma diretoria respaldada por um processo democrático com lisura e sem agressões poderemos conquistar muito mais. Uma boa leitura e um ótimo 2008 a todos!



SISEJUFE

Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE: Avenida Presidente Vargas 509, 11º andar – Centro – Rio de Janeiro-RJ – CEP 20071-003
TEL./FAX: (21) 2215-2443 – PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>
ENDEREÇO ELETRÔNICO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silveira da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA – REDAÇÃO: Henri Figueiredo (MTb 3953/RS) – Max Leone (MTb 18.091) – Bianca Rocha (Estagiária de Jornalismo)

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL: Claudio Camillo (MTb 20.478) – DIAGRAMAÇÃO: Deisedoris de Carvalho – ILUSTRAÇÃO: Latuff

ASSESSORIA POLÍTICA – Márcia Bauer – EDIÇÃO: Henri Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL – Roberto Ponciano, João Mac-Cormick, Henri Figueiredo, Max Leone, Márcia Bauer, Valter Nogueira Alves, Nilton Pinheiro.

IMPRESSÃO: ARCTURUSVEGA Editora Ltda-ME/Gráfica Minister (8 mil exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores. As cartas de leitor estão sujeitas a edição por questões de espaço. Demais colaborações devem ser enviadas em até 2 mil caracteres e a publicação está sujeita a aprovação do Conselho Editorial. Todos os textos podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.



Impresso em
Papel Reciclado



A terceira morte de Vera

Na primeira vez, Vera morreu sob tortura. Seu corpo frágil saiu do quartel da Polícia do Exército numa cadeira de rodas, mas a alma jazia despedaçada pela bestialidade dos carrascos. Exilou-se, mas uma dor permanente matou pedaços de seu largo sorriso. Na segunda vez, Vera foi assassinada por um farsante. Um cineasta falastrão retratou os guerrilheiros que seqüestraram o embaixador norte-americano Charles Elbrick, em 1969, como desequilibrados, maníacos e fanáticos. Os agentes da ditadura, torturadores inclusive, são humanizados, num contraste abjeto com suas vítimas. Bruno Barreto, diretor do abominável *O que é isso, companheiro*, falsificou a história e, assim, imolou Vera no altar da hipocrisia oficialista. Na terceira vez, dizem que Vera Sílvia, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), sofreu um infarto e parou de respirar. Foi no dia 4 de dezembro de 2007. Para alguns, esta terá sido a terceira morte de Vera. Não acredito. A parada biológica não passa de uma transição para a memória, de um chamado para reanimar os sonhos libertários que incendiaram a imaginação de Vera e empurraram uma geração de revolucionários para a luta por um Brasil

mais justo e fraterno. Por um Brasil socialista. Mesmo para os que, como eu, consideraram um equívoco a luta armada contra a ditadura militar nas condições objetivas e subjetivas dos anos 60 e 70, é essencial reconhecer a convergência estratégica e a legitimidade do combate ao terrorismo da ditadura militar. Isto, meus amigos, não é morte: é vida! Um abraço.

Jacques Gruman (ASA)



Após a perda de ex-deputada Heloneida Studart, dia 3 de dezembro, o Brasil perdeu, um dia depois, a ativista política Vera Sílvia Magalhães. Vera foi casada com o atual deputado Fernando Gabeira e em um de seus depoimentos, recolhidos nos arquivos do Jornal do Brasil, ela afirmou sobre a decisão pela luta armada, no final dos anos 60: – O AI-5 acabou com os nossos diretórios e expulsou nossas lideranças das faculdades. Nos sentimos encurralados. Não dava para simplesmente irmos para o MDB. Éramos marxistas. Foi então que decidimos pela luta armada. Do socialismo daquela época, desisti. Mas não desisti da utopia, dos meus sonhos de que o mundo se torne melhor, com um mínimo de igualdade.

Pós-graduação em Direito Eleitoral

Sou agente de segurança do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e gostaria de informar aos leitores da Idéias em Revista a abertura da terceira e da quarta turmas de pós-graduação em Direito Eleitoral, sob a chancela da Universidade Cândido Mendes, além de duas turmas de pós-graduação em Direito Público e outras duas em Estado de Direito e Segurança Pública. O corpo docente é formado por juizes, procuradores, desembargadores e advogados com larga experiência tais como o des. Nagib Slaibi, o des. Roberto Felinto, o des. Marco Aurélio Bellize, o juiz Claudio Brandão, a dra. Vânia Aieta, o dr. Luis Paulo Viveiros, o dr. Luis Paulo Ferreira, o Procurador da República José Maria Panoeiro, o Procurador de Justiça Marcos Ramayana, entre outros. As turmas de 2008 terão a duração de 8 meses (de fevereiro a setembro) e terão investimento de 13 parcelas de R\$ 300,00 + R\$ 30,00 de matrícula. Servidores públicos terão desconto de 15%. As vagas são limitadas. Maiores informações pela página www.cursomultiplus.com.br.

Alexander Ruas
Agente de Segurança – TRE-RJ

Sindicais

Inicialmente, ação beneficiará somente sindicalizados

Sisejufe cobra correção da VPNI

A direção do Sisejufe, por meio do Departamento Jurídico, entrou com ação na Justiça, em 13 de dezembro de 2007, cobrando a correção da parcela incorporada da VPNI dos Quintos. O processo beneficiará, por exemplo, os servidores que têm comissão CJ-4 com uma correção de 50% da VPNI, tendo em vista que não eles tiveram a incorporação reajustada. Com a revisão geral de 1%, a Lei 11.416/2006 aumentou o CJ-4 de R\$ 7.791,17 para R\$ 11.686,76. A legislação que entrou em vigor em 2006 prevê a majoração das parcelas incorporadas das funções

comissionadas convertidas em CJ-1 a CJ-4, a exemplo das FC-07 a FC-10.

O processo 2007.34.00.043584-8 foi distribuído para a 22ª Vara Federal do Distrito Federal (DF) e será acompanhado pela assessoria jurídica do Sisejufe em Brasília (Cassel e Carneiro Advogados). A ação pode favorecer todos os servidores sindicalizados e que se enquadram nas tabelas de CJ-1 a CJ-4. Na avaliação da direção do Sisejufe, a VPNI dos Quintos deve ser reajustada devido ao princípio do direito adquirido e da irredutibilidade remuneratória, sem

contar que a correção está prevista em lei, a 11.416/2006.

A medida foi protocolada em sistema de substituição processual, com o Sisejufe representado seus filiados. Inicialmente, a ação beneficiará os servidores sindicalizados. Os que não estão filiados, podem se sindicalizar e participar do processo. Seus nomes serão incluídos em listagem complementar. Para ser sindicalizado, basta o servidor preencher a ficha de filiação, que pode ser encontrada na nossa página de Internet (<http://sisejuferj.org.br>) e encaminhá-la, pelos Correios ou pessoalmente, ao sindicato.

TRT regulamenta jornada de 7 horas

Max Leone*

Pela primeira vez na história, os servidores do Tribunal Regional do Trabalho do Rio de Janeiro (TRT-RJ) terão um horário de trabalho definido. A presidente do tribunal, desembargadora Doris Castro Neves, regulamentou a jornada de trabalho dos funcionários. Assim, a partir do dia 3 de março, os servidores sem função comissionada (FC) ou cargo em comissão (CJ) cumprirão sete horas de trabalho. Os servidores com FC ou CJ passam a trabalhar oito horas, ou nove horas, se quiserem tirar uma hora de almoço. A regulamentação acaba com a velha história que até então reinava nas repartições: cada chefe direto determinava a jornada dos servidores.

Para o diretor do Sisejufe, Roberto Ponciano, a regulamentação da jornada é um avanço e acabará com casos de abusos. Ele ressalta, no entanto, que a medida ainda não é a ideal. O sindicato defende a tese da jornada de seis horas diárias de trabalho. "O TRT deu um passo à frente fixando a jornada em sete horas. É uma vitória da categoria, já que nas visitas que fiz às varas trabalhistas averiguamos que,

com a falta de uniformidade, em alguns locais as chefias exigiam nove ou dez horas de trabalho, e em outros, por sua vez, havia funcionários que não cumpriam nem seis horas. Mas continuamos lutando pela regulamentação das seis horas", afirma Ponciano.

A regulamentação segue os limites da lei 8.112, que prevê um mínimo de seis horas e um máximo de oito horas de trabalho. A iniciativa cria a isonomia entre todos os setores do TRT. Até hoje, por falta de regulamentação específica, as jornadas no TRT variavam de seis horas diárias, em alguns setores, por acordo com a chefia, até as nove horas (oito mais uma de almoço), além de jornadas ilegais de até dez horas, exigidas em alguns setores com relação a funcionários comissionados. O "argumento" era de que servidor comissionado não tem limite para jornada de trabalho.

O Sisejufe defende que horário de almoço não pode ser considerado como hora trabalhada. E a regulamentação deixa à disposição do servidor fazer ou não horário de almoço. De acordo com Ponciano, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que trata da

matéria, determinou que cada tribunal tem autonomia para regulamentar seu horário.

"A luta não é jurídica, é política. É preciso convencermos os funcionários a lutar permanentemente para a redução de jornada, com uma grande campanha, na qual o pedido administrativo seja apenas a ponta do *iceberg* da nossa luta, que deve ter como baluarte o nosso Plano de Carreira", diz Ponciano.

Com a fixação em sete horas, aqueles servidores que trabalhavam oito horas ganham uma hora a mais de descanso – o que certamente vai se refletir em melhora de qualidade de vida e de saúde. Os com função comissionada, a partir da regulamentação, sabem que também tem um limite dentro de sua jornada. Para o Sisejufe, a medida diminuirá os casos de assédio moral, já que as chefias ficam impedidas de negociar jornadas diferentes de acordo com critérios discricionários, dando força à luta do movimento sindical de que é possível ter uma jornada menor com mais eficiência no trabalho.

*Da Redação.

6 HORAS:

Reduzir a jornada para prolongar a vida

Ampliada da Fenajufe em 24 de fevereiro

A Fenajufe divulga a primeira reunião ampliada de 2008, que acontecerá no dia 24 de fevereiro, a partir das 10h, em Brasília, na sede da federação. Durante a ampliada, serão discutidos vários pontos como a Negociação Coletiva, paralisação dos trabalhadores

contra as reformas que comecem em abril, imposto sindical, luta contra o PL 1987/07 (promove alterações na CLT) e 1990/07 (dispõe sobre o reconhecimento formal das centrais sindicais) e a liberação para participar de atividades sindicais.

Plenária Nacional da Fenajufe será em Recife

A XIV Plenária Nacional da Fenajufe acontecerá de 28 a 30 de março, em Recife. Durante o encontro delegados e observadores debaterão assuntos de interesse dos servidores do Judiciário Federal e MPU, incluindo os temas gerais dos trabalhadores e os específicos da categoria.

Como é de costume em todos as plenárias e congressos da Fenajufe, os sindicatos e os militantes de base podem inscrever teses ou textos para serem apresentados na XIV Plenária Nacional. Esse material deve ser encaminhado ao sindicato até o dia 27 de fevereiro.

Samba, poesia e cerveja

O Sisejufe inovou na área cultural no segundo semestre de 2007. Capitanado pelo servidor do Judiciário Federal Rodrigo Moreira (foto), conhecido no meio musical como Dú Basconça, o Sarau Judicial Cool ("sutil" trocadilho para um encontro de música e poesia em clima de bar) teve duas edições, em 14 de setembro e em 23 de novembro, e um saldo pra lá de positivo. Confira, nesse bate-papo, como o cantor e compositor Dú Basconça avalia o projeto.

Bianca Rocha*

Idéias – Quais foram os destaques do evento em 2007?

DÚ BASCONÇA – Eu diria que os destaques foram o público presente, bastante caloroso, interessado e participativo e a interação que aconteceu entre os artistas da categoria e esse mesmo público. Quanto a apontar destaques individuais, eu acho que pode não ser muito adequado, até porque apresentaram-se alguns nomes que já tem uma "cena" bem conhecida, como a poetisa Glória Horta, e o poeta e ator Dênisson Ramos, que já havia demonstrado seu talento nos velhos saraus do auditório aqui da Justiça. Houve, sim, algumas "revelações", como o saxofonista Carlos Henrique, oficial de justiça aqui da SEMCI-RJ, e a poetisa Maria Célia Munch, da Seção de Distribuição da Venezuela. Mas o fato é que todos foram muito bem e deram seu recado de uma forma bastante competente.

Idéias – Como é realizar um projeto com "servidores artistas"? É mais gratificante do que um sarau com "profissionais da área"?

DÚ BASCONÇA – Acho bastante instigante realizar o evento com servidores artistas. Vários eu já conheço o potencial, outros têm nos procurado com seus trabalhos, coisas bonitas, feitas com capricho e talento. O objetivo do evento é justamente esse, fazer do Sarau do Sisejufe um espaço em que os servidores artistas (ou ainda, os artistas-servidores) possam mostrar sua arte, e nisso vai-se criando também um ponto de referência onde os colegas podem se encontrar para compartilhar suas afinidades no terreno artístico.

Idéias – Quais os projetos para 2008?

DÚ BASCONÇA – A próxima edição do sarau deverá acontecer em março de 2008, numa data ainda a ser definida. As "inscrições" continuam abertas para que todos os interessados participem do evento, trazendo sua contribuição em forma de música, poesia, dança, pintura, mímica, esquete teatral, exposição de fotos etc.

Idéias – Como tem sido a repercussão do Sarau Judicial Cool na categoria?

DÚ BASCONÇA – Estamos cuidando da semente, trazendo os artistas, as pessoas vão se aproximando, se conhecendo e aí come-

çam a pintar as idéias, os projetos. A repercussão entre o público tem sido ótima, todos que foram lá saíram contentes, por terem presenciado um evento bom de assistir, variado, nada maçante, com momentos que vão do sublime ao hilariante.

*Da Redação.



10º BOTEQUIM DO SISEJUFÉ
apresenta
Baile pós-carnavalesco

Com
Edu Krieger, voz e violão
Samuel Oliveira, sax
Alexandre Bitencourt, sax
Anderson Vilmar, percussão
Marcelo Mattos, percussão
Roberta Nistra, voz e cavaquinho

Sexta-feira, 22 de fevereiro,
a partir das 19h
Local: Clube dos Empresários
Rua da Candelária, 9/14º andar
Centro – Rio de Janeiro

Comida, diversão e arte

A música dos Titãs diz que *a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*. O Sisejufe leva os versos ao pé-da-letra e, além da luta central em defesa dos interesses da categoria, dá ênfase às questões culturais, artísticas e de formação no triênio 2005-2008. A gestão de Formação e Cultura, tímida em outras épocas, começou a ser reorganizada já na gestão 2002-2005 com eventos importantes como o Seminário Raízes da América e o Seminário da Jornada de 6 Horas. A atual gestão foca ainda mais as atividades de Formação e Cultura, que tornaram o sindicato, principalmente depois da inauguração da nova sede, um pólo de conhecimento, debates e de expressão artística. Reveja aqui algumas das principais atividades do sindicato nesse setor.

Botequim do Sisejufe

Na parte artística, o sindicato transformou a confraternização anual numa festa bimestral que vem reunindo, em média, 400 servidores. A festa aposta na cultura brasileira e agora é temática. Em 2007, iniciou com um baile pré-carnavalesco, depois houve a Festa Ploc, a Festa Junina, a Noite da Gafieira, a Festa do Servidor (em homenagem ao dia do Servidor Público) com o show de Diogo Nogueira e, em dezembro, a grande festa de encerramento com Rock e Dance. O Botequim do Sisejufe (que terá a sua 10ª edição em fevereiro) reúne nomes reconhecidos da música carioca, como o já citado Diogo Nogueira, Roberta Nistra, Marcello Mattos, Pedro Holanda, Edu Krieger e Liza de Ambrós com talentos da categoria como Dú

Basconça, Otton Cid e Sandro Viegas, líder da Banda Marafos.

Tarde musical dos aposentados

Os encontros do Núcleo de Aposentados e Pensionistas têm sido animados por apresentações musicais, o que torna a reunião mensal um momento lúdico e prazeroso. A reunião acontece toda última terça de cada mês. Interessados em desfrutar da companhia (e da alegria) dos colegas mais antigos do Judiciário Federal e aproveitar uma tarde de boa música podem agendar visita pelo endereço eletrônico administracao@sisejuferj.org.br, com a diretora Lucilene Lima.

Teatro

No dia 22 de maio de 2007, o Sisejufe apresentou a peça "Diálogos de um Louco", com o ator/diretor Marcos Barreto, com entrada franca para sindicalizados. O monólogo, que também esteve em cartaz no Espaço Sesc de Copacabana, é uma criação do escritor carioca Paulo Bauler sobre aspectos da vida do dramaturgo Qorpo-Santo, precursor do Teatro do Absurdo.



Sarau Judicial Cool

Criado pelo músico Dú Basconça e com apoio da diretoria do sindicato, o Sarau é um espaço privilegiado para a música e a poesia feita pela categoria, ainda que haja espaço também para as artes plásticas. Nomes como Glória Horta, PC e Gláucia, Renato da 28ª Vara, Maria Célia, Denise e Kátia, Leonardo Marins, Carlos Henrique entre outros, deram um *show* de lirismo, humor e musicalidade, recitando poemas, cantando e tocando samba, chorinho e jazz. É uma noite mágica e imperdível que acontece de dois em dois meses. Artistas interessados podem se inscrever pelo endereço eletrônico formacao@sisejuferj.org.br, aos cuidados de Dú Basconça.

Cursos e seminários em 2008



Em 2008 o Sisejufe vai abrir novas turmas para o curso de Espanhol. Também estamos lançando, em março, o curso de Inglês do Sisejufe. Também para 2008 o sindicato prepara um novo curso de Filosofia Política, num padrão de extensão de nível superior. Na área de deba-

tes, o sindicato vai organizar os seminários específicos para a Justiça Eleitoral e do Trabalho, além do seminário de Gênero e contra o Assédio Moral. A discussão sobre o Plano de Carreira será descentralizada, com eventos em todas as regiões do Estado do Rio. Participe!

Cursos, cursos e seminários

Nunca o Sisejufe investiu tanto em formação. A reforma da sede viabilizou esse projeto político e colocou o sindicato numa posição de vanguarda em termos de equipamento para treinamento e capacitação. Hoje, o Sisejufe tem um auditório reversível em duas salas com capacidade total de 110 pessoas, sala menor para 20 alunos, retroprojektor computadorizado, sistema de som interno com capacidade para espetáculos artísticos.

Curso de Filosofia I e II

Em conjunto com professores mestres e doutores de universidades como Gama Filho, PUC, UERJ, UFRJ, oferecemos os cursos de Filosofia, módulos I e II, que abrangeram a história do pensamento ocidental desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Os coordenadores Abílio Azambuja e Édson Resende são doutores em Filosofia, sendo que o último é o atual coordenador da Pós-graduação em Filosofia da Universidade Gama Filho, o que atesta a excelência do ensino oferecido no sindicato.

Curso de Marxismo

O inédito curso de marxismo, intitulado Marxismos, teve o formato de curso de extensão universitária e professores com títulos de mestrado e doutorado. Foi o primeiro curso de marxismo no Brasil a abranger

o amplo leque de pensamentos divergentes do marxismo mundial, desde o pensamento filosófico inicial, de socialismo utópico, até a atualidade, passando por Sartre e a Escola de Frankfurt. O curso foi coordenado pelos professores Ernesto Germano e Helder Molina e pelo diretor do sindicato Roberto Ponciano e alunos de diversas categorias profissionais, além dos servidores do Judiciário Federal.

Curso de Atualização em língua Portuguesa

Ministrado pelo professor Waldemar Pedro Antônio, mestre em Português, tem sido um grande sucesso e tem atingido o objetivo de atualizar o conhecimento da língua e sanar as infundáveis dúvidas com as quais lidamos no nosso idioma. O curso é em módulos e as inscrições estão permanen-

temente abertas pelo endereço eletrônico formacao@sisejuferj.org.br, aos cuidados do diretor Roberto Ponciano. O curso serve como Adicional de Qualificação para o TRF, a Justiça Federal, TRE e TRT.

Curso de Língua Espanhola

O curso de Espanhol Clase García Lorca é outro sucesso. Cerca de 35 alunos estão há quase um ano aprendendo a gramática e conversação em espanhol. As professoras Patrícia Oliveira de Barros Alves, Fátima Cristina Soares Braga e o professor Roberto Ponciano são formados em Literatura e Língua Espanhola e usam método similar ao utilizado pelo próprio Instituto Cervantes. Em parceria com a CUT, há uma segunda turma, aos sábados, com vagas abertas.

Curso de História da Arte

Os cursos de História da Arte Universal e de História da Arte Brasileira, ministrados pela mestre em História da Arte Juliana Rodrigues da Silva, foram um tremendo sucesso. Alunos da categoria e de fora dela investiram num curso de nível superior que perpassou aspectos teóricos, estéticos e ideológicos da arte em diferentes culturas.

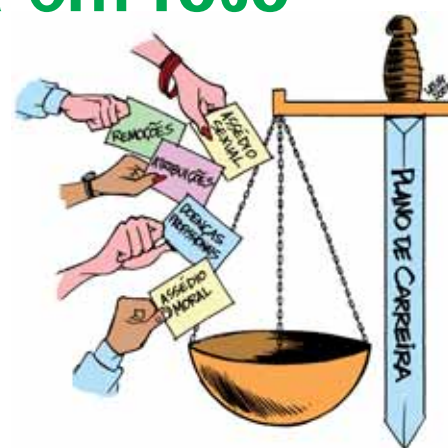
Seminários: a categoria em foco

Ainda no final de 2006, nos dias 7 e 8 de dezembro, a atual gestão do Sisejufe promoveu o Seminário Estadual "A Segurança para o Judiciário, Realidade e Perspectivas para uma Polícia Judicial", que reuniu mais de 100 de agentes de segurança. No encontro foram discutidas a realidade da segurança pública; as condições de trabalho dos agentes de segurança; a regulamentação do PCS; e capacitação dos servidores da área de Segurança Judiciária. O seminário também teve a presença de agentes de segurança da Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e Distrito Federal.

Um dos principais eventos promovidos pelo Sisejufe em 2007 foi o **Seminário sobre Plano de Carreira e Gestão Democrática de Pessoal**, que aconteceu de 20 a 22 de setembro. O Sisejufe foi pio-

neiro nas discussões que devem pautar a categoria dos servidores do Judiciário Federal nos próximos meses. Com o encerramento do seminário, o sindicato sugeriu à Fenajufe a organização de eventos similares em todos os sindicatos do Judiciário Federal no Brasil. Os debates aconteceram na sede do Sisejufe e contaram com a presença de sindicalizados, dirigentes sindicais de todo o país e painelistas da CUT, do Dieese, da Fenajufe, do STF, da UFRJ e do Sintrajufe-RS.

De 22 a 25 de outubro de 2007, o Sisejufe, a CUT e o Sindicato dos Bancários promoveram o **Seminário 90 Anos da Revolução Russa** para lançar luz sobre alguns episódios históricos e discutir as suas distorções, principalmente após a queda do Muro de Berlim. O evento reuniu lideranças e militantes dos movimentos sindical e social, estudantes e trabalhadores em geral. O semi-



nário analisou o contexto histórico, o significado político, as heranças deixadas pela Revolução Russa, a atualidade do marxismo e da luta pelo socialismo. Os painéis, com historiadores e nomes importantes da política e da sociologia brasileira, ocorreram no auditório do Sisejufe e no auditório do Sindicato dos Bancários.

■ Fidel Castro: biografia a duas vozes

Escrito pelo jornalista franco-espanhol Ignacio Ramonet, diretor do *Le Monde Diplomatique*, o livro é o resultado de cem horas de entrevista com Fidel Castro, a mais longa já concedida por ele a um jornalista. O lançamento da Editora Boitempo é fundamental para se conhecer a vida, as idéias e as versões pessoais de fatos históricos de um dos mais polêmicos e importantes líderes políticos dos últimos 50 anos. O livro, com fotos inéditas dos principais momentos da vida do dirigente comunista, revela os bastidores de momentos importantes da história contados do ponto de vista do dirigente cubano, como a participação de Cuba na luta pela independência dos países africanos e a sobrevivência frente à derrocada do Bloco Soviético. Na obra, apresentada por Fernando Morais e traduzida por Emir Sader, Fidel também comenta a situação política contemporânea. Globalização, terrorismo, meio ambiente, a proposta da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), e os movimentos e governos de esquerda e centro-esquerda da América Latina, como o de Hugo Chávez na Venezuela, os zapatistas em Chiapas, Evo Morales na Bolívia, Néstor Kirchner na Argentina e Lula no Brasil.



■ Baile Pós-Carnavalesco do Sisejufe

Prolongue seu Carnaval com o Sisejufe! Na 10ª edição do Botequim do Sisejufe será realizado um baile pós-carnavalesco, com muita alegria, música, confete e serpentina! A música ficará por conta de Edu Krieger voz e violão, Samuel Oliveira no sax, Alexandre Bitencourt também no sax, Anderson Vilmar na percussão, Marcelo Mattos também na percussão e Roberta Nistra com voz e cavaquinho. Preparem as máscaras e o modelito, pois haverá prêmios

para a melhor fantasia e para o folião mais animado. Será uma noite agradável e animada embalada pelo som das boas marchinhas de Carnaval. A festa acontece no dia 22 de fevereiro, sexta-feira, às 19h, no Clube do Empresário (Rua da Candelária, nº 9, 14º andar). Convites serão distribuídos aos servidores do Judiciário Federal em seu local de trabalho e também podem ser retirados na sede do sindicato (avenida Presidente Vargas nº 509, 11º andar).

■ As Melhores Marchinhas do Carnaval 2008



O CD da Som Livre trás de volta a alegria de um Carnaval familiar, irreverente e sem preocupações comerciais. O disco reúne as 10 composições finalistas do Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas da Fundação Progresso, cuja final aconteceu em dia 20 de janeiro. O concurso foi idealizado pelo produtor cultural Perfeito Fortuna, responsável pela Fundação Progresso, e está na sua 3ª edição. Nesta edição houve 612 músicas inscritas e as finalistas que foram escolhidas pelo júri composto por Sérgio Cabral, Xico Chaves, Kiko Horta e Nilze Carvalho. O CD foi gravado por intérpretes da Banda Fundação e contou com participações especiais de cantores como Luciane Menezes, Moyséis Marques, Alfredo Del-Penho e Mariana Bernardes. A coletânea, com patrocínio da Petro-

bras e direção de Marcelo Bernardes, faz uma homenagem a Lamartine Babo, com as músicas *Hino do Carnaval Brasileiro* e *Linda Morena*. (Veja a Entrevista desta edição, nas páginas 18 e 19).

■ Ver TV

Há quase um ano no ar pela TV Câmara, e agora sendo retransmitido pela TV Brasil, o programa de debates **Ver TV** é comandado pelo jornalista e pesquisador da área de políticas de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) Laurindo Leal Filho, ou simplesmente Lalo Leal. "Sempre achei que a TV brasileira tinha uma grande lacuna: ela não se analisava. E como no Brasil as pessoas praticamente só se informam pela televisão, isso era uma lacuna muito séria. Ela critica todas as áreas, discute todos os assuntos, menos a pró-

pria televisão", afirma Leal. O programa é produzido numa parceria da TV Câmara com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara e a cada edição dá visibilidade àqueles que são os dois eixos dos debates: a democratização da comunicação e a ética na televisão. Temas como os critérios de distribuição das concessões, a concentração dos meios e a propriedade cruzada são rotineiros nas discussões. Além da TV Câmara, o programa pode ser visto em sinal aberto pela TV Brasil todo sábado, às 21h30min.

2008: eleições municipais

Frei Betto*

Chamar de novo o ano que se inicia me deixa de pé atrás. Mineiro, sobra-me desconfiança. Porque novo só mesmo o avanço de um dígito no calendário anual deste século XXI.

Ano que se inicia é como casa nova, vem junto toda a tralheira da velha. Parece aniversário, a gente muda de idade e conserva os mesmos vícios, as mesmas manias, os mesmos (des)propósitos. E ainda acha, de quebra, que não ficou mais velho. Porque ruga só se enxerga em rosto alheio.

Este novo ano convergirá para as eleições municipais. Vai rachar na base cidadina a coalizão articulada nas lúlicas altitudes do Planalto. Partidos que se bicam em Brasília haverão de quebrar o pau na disputa municipal pela cadeira de prefeito. E uma avassaladora multidão de candidatos estará de olho no mandato de vereador. Uns, porque imbuídos de espírito cívico, aspiram sinceramente a servir à população. Outros sonham em ganhar sem trabalhar.

Ser vereador no Brasil é prêmio da loteria eleitoral. O eleito comparece uma ou duas vezes por semana à Câmara Municipal e, graças ao cargo, dedica o resto do tempo ao que lhe dá na telha. Uns poucos se interessam de fato pela cidade; outros cuidam de seus negócios pessoais; e há ainda os que preferem a ociosidade bem remunerada, turistando mundo afora à custa do contribuinte e do erário público.

A maioria faz tráfico de influência. É o chamado *nacotraficante*. De cada jeitinho dado o sujeito arranca um naco em proveito próprio: um saco de



cimento aqui, a matrícula do menino ali, uma passagem rodoviária interestadual acolá...

O bom pra eles é que nós, eleitores, votamos e, quinze dias depois, nem mais recordamos o nome do candidato. Se eleito, o sujeito fica à vontade, sem sofrer pressão de quem o elegeu. É a democracia delegativa. Nem chega a ser representativa. E está a mil anos-luz da participativa – aquela em que a sociedade civil organizada interage permanentemente com o poder público. E tem consciência de que político não é autoridade, é servidor. Nós o elegemos e lhe pagamos o salário. Autoridade é o povo, a quem ele deve prestar contas. O eleitor tem o direito de cobrar, propor, pressionar; o político, o dever de prestar contas.

O discurso e a prática

Bom seria que escolas, associações, sindicatos, igrejas, empresas etc. promovessem debates com partidos e candidatos, e exigissem, por escrito, a garantia de que cumprirão determina-

Frei Betto:

“É a democracia delegativa. Nem chega a ser representativa. E está a mil anos-luz da participativa – aquela em que a sociedade civil organizada interage permanentemente com o poder público. E tem consciência de que político não é autoridade, é servidor.”

dos compromissos. Fiz isso na última eleição para deputado federal. Houve quem se recusasse a assinar... E olha que era gente de partido pretensamente progressista. É assim, na hora do discurso, uma beleza; na hora do compromisso, uma tristeza...

É bom ter presente também que, neste ano, comemoram-se os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O que a direita raivosa considera “coisa de bandido”. Falta incluir na Declaração os direitos internacionais, planetários e ambientais, de modo a obrigar o governo dos EUA a tirar as patas de Cuba (Guantánamo + bloqueio) e de Porto Rico (colônia USA desde 1898, quando o processo de descolonização já ocorreu no resto do mundo).

Bons votos e feliz 2008, querido(a) leitor(a)!

* Escritor; autor de “A arte de semear estrelas” (Rocco), entre outros livros. Artigo originalmente publicado na Caros Amigos.

Obra-prima do jornalismo apressado

Venício A. de Lima*

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) vem divulgando, ao longo desse mês de janeiro, diferentes informações sobre os eleitores brasileiros consolidadas para dezembro de 2007. Na quarta-feira (16/1), foi a vez da escolaridade do eleitor. Trata-se de dados de grande interesse público, sobretudo para políticos, partidos e outras entidades envolvidas no processo eleitoral no ano em que serão realizadas eleições municipais em todo o país. Como não poderia deixar de ser, houve repercussão imediata na grande mídia. O principal telejornal da televisão brasileira, o Jornal Nacional da Rede Globo, deu matéria com a chamada “Mais de 6% dos eleitores brasileiros são analfabetos”, seguida do texto:

“Mais da metade dos eleitores brasileiros não completou o ensino fundamental. O levantamento do Tribunal Superior Eleitoral mostra ainda que mais de 6% são analfabetos e pouco mais de 3% têm formação universitária. O Nordeste concentra o maior percentual de eleitores com baixo grau de escolaridade: 70% não completaram o ensino fundamental.”

No dia seguinte (17/1), os principais jornais de referência nacional trouxeram matéria sobre o assunto com os seguintes títulos:

** O Globo: “Maioria dos eleitores tem baixa escolaridade”

** Folha de S.Paulo: “51% dos eleitores não têm ensino fundamental”

** O Estado de S.Paulo: “57,96% dos eleitores têm baixa escolaridade”

** Jornal do Brasil: “Eleitores têm baixa escolaridade”

** Correio Braziliense: “Eleitores estudaram pouco”

O enquadramento predominante nas matérias salientava o “quadro dramático” da baixa escolaridade dos eleitores brasileiros, expresso no fato de que a maioria deles “não conseguiu sequer completar o ensino fundamental” e também nas enormes desigualdades regionais.

No Estadão e no Correio há também a opinião de dois cientistas políticos – versão impressa dos *fast-thinkers* de Pierre Bourdieu – interpretando os dados do TSE como indicadores de que “cria-se um ambiente pavimentado para quem quiser se eleger, se aproveitar” e de que “esse tipo de eleitor [de baixa escolaridade] é mais suscetível à barganha. Qualquer oferta de tijolos, telhado, qualquer favor pode influenciar” (sic).

Jornais comeram mosca

É necessário, no entanto, que se façam qualificações importantes sobre os dados do TSE e, sobretudo, sobre a forma de sua divulgação pela grande mídia.

1. Primeiro, o leitor atento deve ter observado que nas matérias de quatro dos cinco jornalões brasileiros – O Globo não julgou necessário incluir a informação – havia, apenas de passagem, uma advertência fundamental feita pelo próprio TSE: “os dados podem apresentar defasagens porque a escolaridade foi declarada no ato do alistamento”.

O que isso significa exatamente?

Ao contrário das informações sobre faixa etária, atualizadas anualmente a partir da data de nascimento do eleitor, a escolaridade para o TSE continua a ser aquela declarada quando se faz o alistamento eleitoral. Quem se alistou com 18 anos (até 1988) ou com 16 (desde a Constituição de 1988), quando – no limite – se alcançava o 2º grau (hoje, ensino médio), mesmo que tenha prosseguido nos estudos (concluído o ensino médio e/ou o superior) aparecerá nas estatísticas com a escolaridade declarada no alistamento, salvo se procurar o TSE para atu-

alização dos dados. Vale dizer, os dados do TSE sobre escolaridade do eleitor são apenas indicativos, **não podem ser considerados como estatisticamente confiáveis**.

Ao analisar as eleições presidenciais de 2006, o sociólogo Marcos Coimbra, diretor do Instituto Vox Populi, atribui às mudanças nos padrões de escolaridade a primeira e mais fundamental razão para a inadequação do modelo de “formação de opiniões” que prevalece entre nós. Valendo-se de dados do censo do IBGE e da PNAD, ele comenta que...

“...na nossa primeira eleição presidencial moderna, apenas 20% dos eleitores tinha mais que o primeiro grau. Hoje, ultrapassam os 40%. Inversamente, a parcela com baixíssima escolaridade caiu de perto de 60%, para cerca de um terço do eleitorado. Em termos absolutos, tivemos, em 2006, mais de cinquenta milhões de eleitores com, pelo menos, parte do segundo grau, com ele completo ou com acesso à educação superior, contra apenas dezoito milhões em 1989, nas mesmas condições”. [cf. quadro abaixo e Marcos Coimbra, “A mídia teve algum papel durante o processo eleitoral de 2006?” in V. A. de Lima (org.); A mídia nas eleições de 2006; Perseu Abramo, 2007].

Da mesma forma, a sexta edição do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF/Brasil), estudo realizado pelo Ibope em parceria com o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, divulgado em dezembro de 2007, revela significativo avanço em termos de alfabetismo funcional.

As conclusões do estudo indicam:

“Reduz-se a proporção de indivíduos classificados como analfabetos absolutos e no nível rudimentar de alfabetismo (equivalente, neste ano, a 7% e 25% da população na faixa etária pesquisada, ante 12% e 27% nas primeiras

Escolaridade do Eleitorado - Brasil 1989 e 2005

Escolaridade	BRASIL			
	1989		2005	
	Absoluto	%	Absoluto	%
Até 4ª série	48741633	56%	47136619	36%
De 5ª a 8ª série	19837525	23%	32087755	24%
Médio	11981801	14%	37626761	29%
Superior	6052157	7%	14424707	11%

Fonte: IBGE/PNAD-1989/2005.

Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional						
RESPOSTA	TOTAL	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007
BASE	12.006	4.000	4.000	4.002	4.004	2002
Analfabeto	11%	12%	13%	12%	11%	7%
Rudimentar	26%	27%	26%	26%	26%	25%
Básico	37%	34%	36%	37%	38%	40%
Pleno	26%	26%	25%	25%	26%	28%
Analfabetos funcionais	37%	39%	39%	37%	37%	32%
Alfabetizados funcionalmente	63%	61%	61%	63%	63%	68%

edições do INAF em 2001/2002). Já os níveis básico e pleno têm crescido solidamente: de 34% para 40% e de 26% para 28%, respectivamente no mesmo período. Esta evolução pode ser associada à crescente escolarização da população brasileira, que aumentou significativamente nas últimas décadas. A parcela de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos frequentando a escola, por exemplo, praticamente se universalizou, graças ao maior acesso e permanência na escola".

Como se vê, ao não questionarem os dados do TSE e não contextualizá-los em perspectiva histórica, os jornalões deixaram de perceber que a grande notícia sobre a escolaridade dos eleitores no Brasil é o seu formidável avanço nos últimos anos e, inclusive, as importantes implicações desse avanço já observadas no comportamento eleitoral.

Leitura do mundo

2. Um segundo ponto que o leitor deverá ter observado é que, embora as matérias dos jornalões (e do JN) se refiram ao fato da maioria dos eleitores não haver conseguido completar o "ensino fundamental", não existe nelas qualquer

explicação sobre o que seja ensino fundamental. Na verdade, desde 2006 (Lei nº 11.274), o artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação passou a ter a seguinte redação:

"O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social."

O ensino fundamental completo, portanto, se refere hoje ao que antigamente se chamava de 1º grau, acrescido de

mais um ano, isto é, um ano do antigo pré-primário, todo o antigo curso primário mais o antigo ginásio. Não é apenas saber ler e escrever, é muito mais do que isso.

3. Terceiro, e talvez mais importante, o leitor atento haverá notado que as matérias dos jornalões não fazem qualquer diferença entre escolaridade e capacidade cognitiva, de análise, do eleitor. Independente do fato de que a escolaridade se relaciona positivamente com maior articulação do pensamento e capacidade crítica, a ausência de instrução formal não pode ser identificada, sem mais, com a incapacidade de pensar e raciocinar de forma independente. O que se viu nas eleições de 2006, aliás, foi exatamente o contrário.

Desde a década de 1960, nosso maior educador, Paulo Freire, já chamava atenção para o fato de que mais importante do que ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, era saber "ler o mundo". Aliás, Freire mostrou que, muitas vezes, o processo de alfabetização formal (do tipo "Pedro viu a asa; a asa é da ave" e "Eva viu a uva") dificulta a aprendizagem da leitura do mundo, ao contrário de facilitá-la.

No mundo contemporâneo, a escola e a educação formal fornecem apenas parte do imenso conjunto de informações de que cada um de nós necessita para fazer o sentido do mundo, compreendê-lo e tomar as decisões do dia-a-dia, inclusive nos processos eleitorais.

Jornalismo apressado

No final das contas, as matérias sobre os dados divulgados pelo TSE revelam a pobre qualidade do jornalismo que, infelizmente, tem prevalecido na grande mídia brasileira: não se questionam nem se contextualizam as informações. Esse jornalismo apressado e pouco profissional, além de desrespeitar e informar mal ao leitor, certamente contribui para distanciar, ainda mais, a mídia brasileira de seu principal papel, que é servir ao interesse público.

*Observatório da Imprensa
(22 de janeiro de 2008).

Por um outro mundo possível

Henri Figueiredo*

Depois de aportar em Nairóbi, capital do Quênia, em 2007, o Fórum Social Mundial (FSM) reuniu ativistas que acreditam que um outro mundo é possível durante o sábado, 26 de janeiro, no Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Pela primeira vez desde que foi criado, o FSM se espalhou simultaneamente por cerca de 80 países. No Brasil, a maior concentração foi no evento "Rio Com Vida", no Aterro, mas outras 19 cidades, incluindo Fortaleza, Belém, Natal, Recife, São Paulo e Pelotas (RS), também promoveram mobilizações e um dia de debates e manifestações artísticas. "Queremos mostrar que nós, os que querem mudar o mundo, somos muito e estamos em todos os lugares", diz Chico Whitaker, um dos idealizadores do Fórum.

O foco da 7ª edição do evento, que ocorre sempre nos mesmos dias do Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, foi a diversidade cultural. No Rio, isso ficou evidente desde grupos indígenas vendendo artesanato até equipes médicas esclarecendo sobre a

dengue ou a febre amarela, passando por cariocas que participam do movimento de boicote ao pagamento do IPTU. Desde sua criação em 2001, em Porto Alegre, por iniciativa de ONGs brasileiras e estrangeiras, o FSM se tornou um processo permanente de busca e construção de alternativas às políticas neoliberais. O propósito de uma edição pulverizada por várias partes do mundo é ampliar a ligação das ONGs com as populações locais.

Cândido Grzybowski:
"O povo carioca é muito criativo, muito heterogêneo. Nas outras cidades, não se vê tantas apresentações ligadas à cultura. Nelas o foco é mais político, ocorrem marchas e caminhadas. A intenção, no entanto, é a mesma em todos os eventos: mostrar nossa diversidade, para reunir grupos sociais diferentes e promover o entendimento e a solidariedade".

As atividades do Dia de Mobilização e Ação Global começaram às 10h e, ao longo dia, foram realizadas performances, feira de trocas, debates, exibição de filmes, apresentações musicais e debates em oito tendas e quatro palcos localizados entre o Museu da República e o Hotel Glória. Foram um total de oito tendas, com os temas: Idéias, Trocas e Economia Solidária, Alimentação, Conexão Mundial, Audiovisual, Artes Cênicas, Crianças e Ponto de Encontro.

Muitas outras pequenas tendas abrigaram representantes sindicais e da sociedade civil. Estiveram presentes personalidades ligadas à luta por um mundo melhor como o dramaturgo Augusto Boal, o teólogo Leonardo Boff, o músico Tico Santa Cruz, o ator Milton Gonçalves e o ministro Paulo Vannuchi – Secretário Especial de Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República.

Para Leonardo Boff, o FSM discute "o que realmente é importante para uma qualidade de vida mínima, uma vida decente não só para os seres humanos, mas também para os animais e as plantas". Boff ressaltou que o fórum visa "mostrar que há gente no mundo inteiro, em todos os países, que resiste a esse sistema de ocupação do nosso planeta" e que temos condições, tecnologia e vontade, para que um novo mundo não seja apenas um sonho, mas se torne real através da mobilização e de novas práticas.

Para Tico Santa Cruz, músico e ativista do grupo Voluntários da Pátria, a música e a poesia dentro do FSM pode divulgar uma nova consciência política. "A revolução começa dentro de cada um de nós, que a gente consiga começar essa revolução interna", disse o músico. O ministro Paulo Vannuchi lembrou que este evento acontece no ano em que celebramos o 60º ani-



Boff: um mundo melhor através da mobilização e de novas práticas.



Fotos: Samuel Tosta

versário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que prega o direito à liberdade, saúde, alimentação e diversidade sexual.

O show de encerramento foi do sambista Martinho da Vila, no palco principal, e atraiu centenas de pessoas, apesar da chuva. Antes do espetáculo, Leonardo Boff e Cândido Grzybowski, diretor geral do Ibase e um dos coordenadores mundiais do FSM, falaram ao público.

De acordo com Cândido, “o povo carioca é muito criativo, muito heterogêneo. Nas outras cidades, não se vê tantas apresentações ligadas à cultura. Nelas o foco é mais político, ocorrem marchas e caminhadas. A intenção, no entanto, é a mesma em todos os eventos: mostrar nossa diversidade, para reunir grupos sociais diferentes e promover o entendimento e a solidariedade”. Em 2009, o FSM deve acontecer em Belém (PA), mas Salvador ainda está na disputa. A definição da nova cidade-sede deve acontecer até junho deste ano.



*Da Redação. Com informações de Creuza Gravina (Ciranda da Informação Independente) e Agência Brasil.

A década de 80 e a rupt

Helder Molina*

Nos anos de 1979 a 1981 o sindicalismo combativo foi derrotando os pelegos nas eleições de importantes sindicatos, tanto de categorias da indústria, quanto de serviços e comércio. As assembleias, passeatas e piquetes passaram a ter a presença constante de policiais, jagunços, elementos provocadores, com a função de controlar, espionar, ameaçar e agredir os que estavam na linha de frente das mobilizações. Alguns setores do sindicalismo atrelado passaram a participar mais das atividades nas fábricas, disputando hegemonia com o Novo Sindicalismo. Os pelegos tradicionais buscaram se renovar, conformando alianças com setores da esquerda, como o PCB, PCdoB e MR8. Muitas eleições sindicais nos anos de 1979 a 1983 tiveram a participação de chapas compostas pelos pelegos e forças políticas que lutavam contra a ditadura e que foram vítimas da repressão do fascismo de Estado.

Essas organizações de esquerda estavam presentes em muitas e importantes direções sindicais, em composição com o sindicalismo da estrutura oficial. Argumentavam que o Novo Sindicalismo era divisionista, fragmentava e enfraquecia os trabalhadores e defendiam uma organização mais rígida, unificada em torno dos sindicatos. Na prática foram contra a autonomia sindical, buscando enquadrar o movimento sindical a uma proposta de reformas no modo de produção capitalista e de transição sem traumas da ditadura ao Estado democrático de direito. Esse confronto dos sindicalistas autênticos e combativos com a estrutura sindical pelega e aliada a estas organizações de esquerda se aprofundava na medida que as lutas se intensificavam. Havia em disputa duas concepções não só de estrutura sindical, mas principalmente de

seu papel na sociedade e de que projeto de sociedade e de Estado se pretendia construir.

O trabalhador se educa nas lutas, se politiza nos conflitos, se torna sujeito de sua história, e rompe a alienação. O sindicato é importante instrumento de educação coletiva das massas. As lutas contra os patrões e o enfrentamento à repressão policial, os debates travados nas assembleias, as palavras de ordens gritadas nas passeatas, os congressos e as discussões de propostas contra o capital e o capitalismo são espaços e mecanismos de educação política dos trabalhadores. A formação política, e a reflexão crítica organiza as idéias e a teoria que se produz da prática das lutas. Esses elementos o Novo Sindicalismo resgatou e os trabalhadores assumiram seu protagonismo. No início da década de 1980 (precisamente nos anos 1981 a 1983), o movimento sindical buscou construir um projeto político que unificasse as lutas e superasse a estrutura herdada do Varguismo e aprofundada na ditadura.

Imposto sindical: o divisor de águas

A busca da unidade passava pela construção de uma nova estrutura sindical, que negasse o imposto sindical (base de sustentação financeira da burocracia sindical à época), revogasse os entraves e entulhos ao livre exercício da liberdade e autonomia sindical (presentes na estrutura corporativa e vertical, produzida pelo Estado Novo), garantisse a livre organização da classe, com participação das bases, e que se colocasse contra o Estado capitalista, pelo fim do regime militar e de sua política econômica de arrocho e exploração dos trabalhadores. Essas reivindicações, dentre outras, formaram o terreno por onde caminharam os autênticos e os pelegos, na busca de criação de uma central sindical que re-



presentasse o Novo Sindicalismo. A criação de uma comissão nacional pró-CUT foi a representação concreta do esforço pela unidade em torno de um projeto sindical livre, autônomo, democrático e de classe. Em 1983, após encontros por vários estados, foi organizado o Congresso Nacional das Classes Trabalhadores (Conclat), onde dois campos políticos se constituíram. Os pelegos e seus aliados à esquerda defendiam uma integração à estrutura sindical oficial, uma transição por dentro, entre o modelo corporativo e o de livre organização. Os representantes do Novo Sindicalismo defendiam uma ruptura com a estrutura oficial, a livre organização imediata, a autonomia para os trabalhadores se organizarem independentemente do Estado e dos patrões. O imposto sindical foi o grande divisor de águas. O velho sindicalismo insistia na permanência de sua cobrança, e os autênticos se posicionaram abertamente contra sua existência. O congresso não conseguiu um ponto de unidade, e os dois setores se separaram, vindo a constituir duas centrais diferentes.

tura entre a CGT e a CUT



As forças ligadas à estrutura corporativa se retiraram do Conclat e fundaram, em 1984, a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) tendo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (dirigido pelo agente da ditadura e arqui-pelego Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão) à frente daquela central. Antes, os setores que se reuniam no chamado Novo Sindicalismo fundaram, em 1983, a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Portanto, a CUT viria a se constituir na primeira central sindical independente, ao arrepio da estrutura oficial, que não permitia a existência de centrais sindicais pois elas remetiam à herança da COB (Central Operária Brasileira), de 1908, de inspiração anarco-sindicalista – ou seja, um perigo para a ordem capitalista.

Os novos movimentos, no campo e na cidade

A CUT esteve na linha de frente na campanha por eleições diretas para presidente da República, e pela convocação de uma Assembléia Nacional

Constituinte, que veio construir, em 1988, uma nova carta constitucional para o Brasil. A conjuntura dos anos 80 foi de lutas dos trabalhadores, retomada das entidades e do movimento estudantil, de surgimento de novos movimentos sociais urbanos (movimentos de mulheres, negros, homossexuais, reforma urbana e moradia, saúde pública, educação pública e de qualidade sob responsabilidade do Estado, entre outros) e também rurais – o mais importante deles foi surgimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que é produto da injusta e perversa concentração da propriedade da terra no Brasil, uma herança do colonialismo, das capitânicas hereditárias e do latifúndio monopolista.

A CUT se consolidou em três congressos nacionais realizados na década de 1980, imprimindo a marca da liberdade de organização sindical. Muitos sindicatos se constituíram ao arrepio da CLT, e a autonomia foi colocada em prática na criação de estruturas horizontais, coletivos, plenárias, e de uma estrutura sindical baseada nas

A CUT se consolidou em três congressos nacionais realizados na década de 1980, imprimindo a marca da liberdade de organização sindical. Muitos sindicatos se constituíram ao arrepio da CLT, e a autonomia foi colocada em prática na criação de estruturas horizontais, coletivos, plenárias, e de uma estrutura sindical baseada nas formas de federações democráticas.

formas de federações democráticas. As chapas encabeçadas pelo Novo Sindicalismo-CUT passaram a dirigir importantes sindicatos industriais, como os do ABC, Volta Redonda, Rio de Janeiro, Campinas, Contagem e Belo Horizonte, e os sindicatos de bancários de praticamente todas as capitais brasileiras.

No meio rural, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), que existe deste a estrutura montada pelo Varguismo, passou a ter participação crescente de lideranças e sindicatos ligados à CUT, até que, na década de 1990, efetiva sua filiação à CUT. O novo sindicalismo também cresceu no campo, impulsionado pelas lutas dos assalariados rurais e dos pequenos produtores e camponeses, que assumiram a luta pela reforma agrária. O MST, apesar de não se organizar em sindicatos, também contribuiu para que o campo se tornasse protagonista político e sujeito social importante nas lutas pela democratização do acesso e posse da terra, bem como para constituição de políticas sociais públicas, como saúde, educação, moradia, saneamento e eletrificação do espaço agrário.

*Historiador, assessor de formação da CUT-RJ e coordenador do curso Marxismos do Sisejufe.

No Carnaval, o TRE não

Bianca Rocha*

O 3º Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas da Fundação Progresso, cuja final aconteceu em 20 de janeiro, na Lapa, teve entre os finalistas dois servidores do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Rio de Janeiro. **Marcus Vinícius Monteiro**, 31 anos, de Nova Iguaçu, e **Everton Chierici**, 27 anos, da Vila da Penha, compuseram a marchinha “Amor não me segura”, que ficou entre as dez primeiras colocadas e faz parte do CD do concurso, na voz da revelação do samba carioca Moyséis Marques e com arranjo de Alexandre Caldas. A marchinha vencedora foi “Volante com Cachaça não Combina”, de Mauro Diniz e do Cláudio Jorge; o segundo lugar ficou com “Pijama de Bolinha”, de Janjão, Nuno Neto e Pedro Holanda; e o terceiro lugar foi para “Maria do Cabelo Bom”, de João Cavalcanti. Os autores Marcus e Everton, no entanto, não se sentem derrotados. Afinal, sua composição concorreu com outras 612 e o fato de estar no CD, da Som Livre, dá uma visibilidade inédita para o trabalho artístico que vêm desenvolvendo.

*Da Redação.

Idéias – Como foi a experiência de participar do Concurso de Marchinhas de Carnaval da Fundação Progresso?

EVERTON – Ter ficado entre os dez finalistas, juntamente com compositores e intérpretes famosos como Eduardo Dussek, Mauro Diniz, Aroldo Bastos, foi um grande prazer e uma ótima forma de troca de conhecimento artístico.

MARCUS – Esse foi o primeiro ano que inscrevemos uma marchinha. Foi uma experiência muito bacana. Até porque o júri foi formado por nomes de peso na música, como o Sérgio Cabral pai, o maestro Kiko Horta e João Roberto Kelly. Ter ficado entre as dez, já foi uma grande vitória.

Idéias – Vocês estão na música há muito tempo? Como começou essa parceria?

EVERTON – A gente já tem um trabalho desenvolvido, eu e o Marcus temos uma parceria. Eu componho desde os nove anos de idade, sou formado em piano clássico e toquei na noite durante 12 anos. A gente compõe de tudo. Eu gosto muito de samba, eu componho mais samba que é onde me sinto mais à vontade.

Idéias – Como conciliar a carreira de servidor federal com a de músico?

EVERTON – Eu desenvolvo atividade musical, tenho um *home studio* e ainda estudo Direito. Tenho que fazer uma jornal

da tripla. A marchinha “Amor não me segura”, por exemplo, foi feita muito rapidamente. O Marcus me entregou a letra no fim das inscrições, e durante a madrugada bolei os arranjos. Além de fazer a parte escrita há também a melodia, tivemos que gravar... E deixar uma coisa bem feita para tentar ir para as finais. Trabalhamos de madrugada, sábado e domingo, para apresentar na segunda-feira.

MARCUS – Eu já tive o sonho de viver de música, há uns dez, doze anos, e busquei isso por mais de um ano, briguei, tomei muita cara na porta, foi um período difícil. Depois fui buscar outros projetos mas sempre tendo a música como um hobby.

Idéias – Como foi a reação dos companheiros de trabalho quando vocês emplacaram a marchinha no disco do concurso?

MARCUS – Isso foi uma coisa bacana. Até que você tenha um trabalho para mostrar, uma coisa que seja mais ou menos conhecida, as pessoas acham que você é aquele carinha que escreve música e questionam: “Quem gravou sua música? Ninguém!” ou “Escreve música então para quê?”. Quando o teu trabalho ganha uma certa visibilidade o tratamento muda muito, é impressionante. Muitos dos que sabiam que éramos compositores, mas olhavam com uma



Everton Chierici, Moyséis Marques e Marcus Vinícius Monteiro: parceria que retoma o melhor das marchinhas carnavalescas.

Amor não me segura

certa desconfiança, passaram a acreditar na gente, e é muito bom você ver o seu trabalho reconhecido.

Idéias – Nos últimos anos tem acontecido uma retomada dos blocos de ruas, das marchinhas, o carnaval como era antigamente. Concursos como esse da Fundação contribuem para essa retomada?

MARCUS – Sim, até porque o carnaval se descaracterizou muito. Hoje em dia em qualquer cidade litorânea, até nas proximidades do Rio de Janeiro, encontramos carros abertos tocando funk. A música desse verão infelizmente vai ser o *Crêu*. O bacana é que no domingo, 20 de janeiro, no baile da Fundação, havia muitos jovens, um público de todas as idades dançando marchinhas, as boas e velhas marchinhas de carnaval, que são músicas eternas. Muita gente não quer ouvir funk e isso explica também a retomada dos blocos como um movimento cultural. Nos últimos anos surgiram inúmeros blocos, criaram a Liga Sebastiana, que reúne 12 blocos de Carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

EVERTON – Eu acho que essa retomada dos blocos de rua resgata o carnaval da brincadeira, da felicidade, um carnaval distanciado do comércio. O carnaval da Sapucaí virou um grande comércio, tudo ficou distanciado do verdadeiro espírito do carnaval que é a brincadeira e a des-

contração. Por isso torna-se tão importante retomar o carnaval de rua.

MARCUS – Na rua tem até os “chatos” com seu tamborim, aquele cara que traz seu tamborim de casa e acaba atravessando o samba do bloco. O bom do carnaval de rua é que ele é democrático, está todo mundo brincando e se divertindo numa boa. O ruim é quando o bloco quer virar carnaval baiano, põe uma corda, exige camiseta ou *abadá*. Carnaval é mais despojado, mais alegre, todo mundo brincando, na paz.

Idéias – Iniciativas como as do concurso da Fundação ajudam a divulgar a idéia de um carnaval menos comercial?

EVERTON – Esse trabalho da Fundação ajuda a divulgar novos talentos. Nós, por exemplo, entramos por méritos, sem parentes importantes e vindos do interior (*risos*). Adorei ter participado, mas é preciso registrar uma crítica: a organização do concurso deveria tratar os artistas com igualdade. Se o concurso é de novas marchinhas deve-se valorizar também o compositor. O público precisa saber quem são as pessoas que compuseram. Muitas vezes o intérprete fica identificado como o dono da música. O que esperamos para 2009 é que o con-

curso seja mais equânime na forma de tratamento com os famosos e com os demais que estão galgando um espaço.

MARCUS – O papel do compositor é muito importante, sem ele não há músico. E nós fomos meros coadjuvantes no baile, durante o concurso, ninguém sabia quem era quem. Falta também integração entre os músicos, os participantes não foram apresentados, ninguém se conhecia, tinha gente até de outros estados que eu não sei nem quem era, podia estar do meu lado, poderia ter conversado com essas pessoas e feito contatos profissionais. Mas era um concurso de composição, por isso faltou esse tipo de integração. Eis aí uma sugestão para a próxima edição.



Amor Não me Segura

Marcus Monteiro e Everton Chierici

Amor não me segura
É carnaval tá tudo bem
Vem curtir essa folia
Que outra igual,
só no ano que vem (REFRÃO)

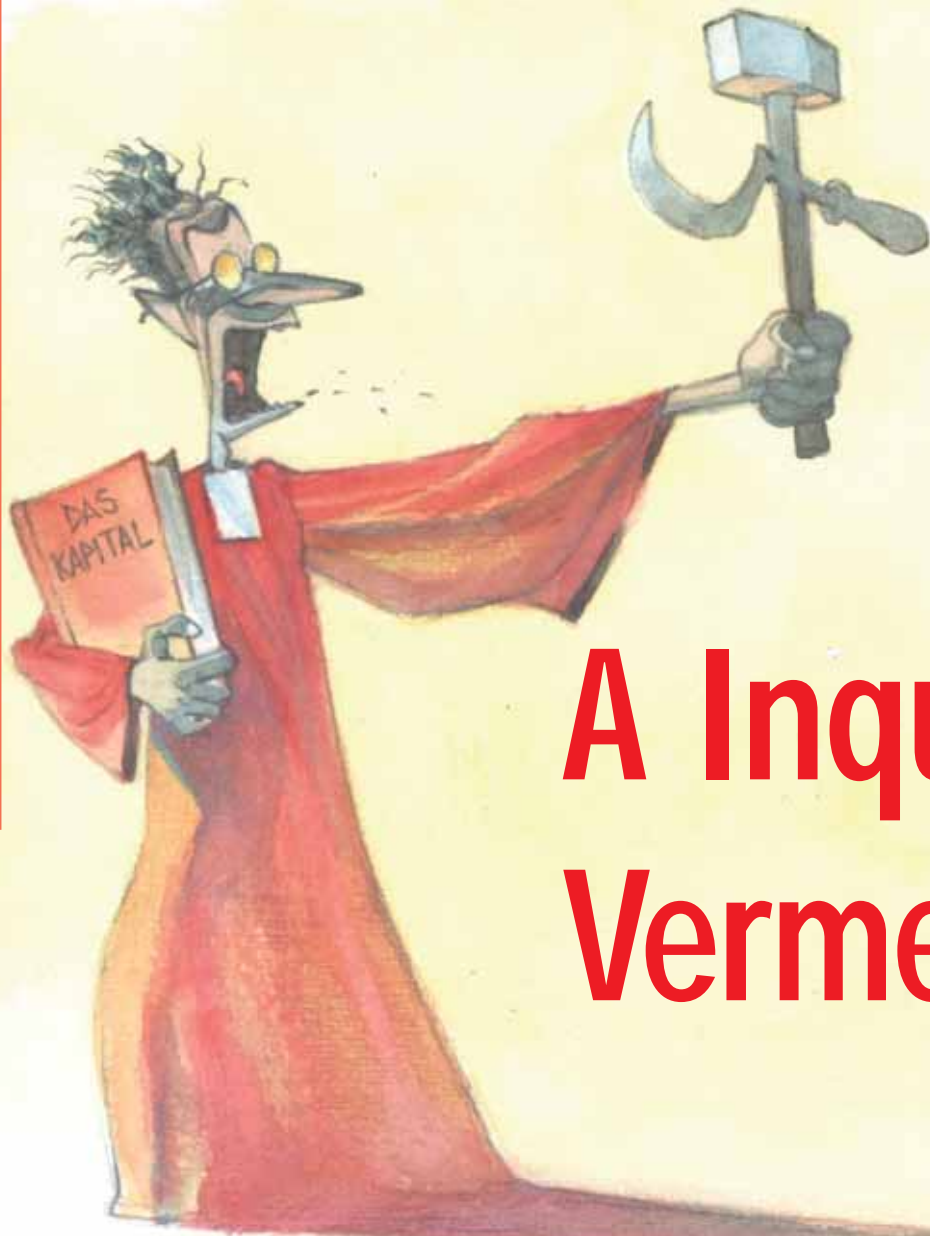
Esse ano que passou não foi fácil
Teve muita confusão
Foi a bela e o Senador
Boi valendo um dinheirão
CPI e Apagão no Brasil
E o dono da casa não sabe não viu

Eu pra tudo esquecer vou brincar
E vem você me segurar (ai, ai, ai...)

(refrão)

Quatro dias de folia,
sei que vou me acabar
Vou seguir no Simpatia,
Bola Preta e Boitatá
Brilhar na banda de Ipanema
Pros problemas esquecer
Quero ter um carnaval paz e amor
E na quarta voltar pra você





A Inquisição Vermelha

Roberto Ponciano*

Tradição míope

Giordano Bruno queimou na fogueira por, dentre outras coisas, acreditar que a terra gira em torno do sol; que o inferno não existe; por pregar a tolerância, inclusive a religiosa; a política laica, sem intervenção da religião, que passa a ser coisa privada; a universalização do ensino sem dogmas e sem monopólio do saber pelos eruditos. Isto foi há mais de 400 anos. Bruno é venerado pela esquerda e sua tradição de pensamento tolerante e anti-obscurantista nos faz colocá-lo ao lado da tradição iluminista que irá desaguar, por fim, em Marx e na dialética materialista.

É preciso evocar Bruno para cobrar da esquerda uma posição mais coerente em relação à tolerância, à secularização da política, o uso da razão em lugar da fé, à luta contra o dogmatismo, à luta contra o fanatismo, contra a meritocracia dos títulos acadêmicos que deixa o saber recluso para poucos... Olhando para o Brasil de hoje parece que andamos recrudescendo para uma nova

era das trevas, tal a intolerância e o obscurantismo das discussões, inclusive as políticas, mesmo entre a esquerda.

A esquerda tem de celebrar e recobrar o que tem de mais generoso e progressista e não o que há de obscuro e irracional. Temos de aprender com nossos erros tanto quanto com nossos acertos. Temos de aprender com as lutas de libertação dos povos oprimidos e com as revoluções vitoriosas, mas temos de aprender também com os equívocos como os *gulags* e os processos de Moscou, as execuções da Revolução Cultural chinesa, Pol Pot, a dinastia "socialista" da Coreia do Norte... Uma tradição falsamente "maquiavélica" (Maquiavel nada tem que ver com isto) da esquerda, nos levou a tolerar atos de opressão desenfreada e de total obscurantismo numa lógica torta do "mal menor". Mal que de menor não teve nada, haja vista a incorporação pela esquerda de elementos estranhos e nocivos a seu pensamento que ainda nos faz perder a luta por corações e mentes – luta que se trava diariamente no mundo moderno, contra um inimigo sumamente poderoso: o capitalismo imperialista.

Essa tradição míope faz determinadas correntes de esquerda apoiarem o fundamentalismo islâmico, acreditarem que a futura revolução socialista nascerá de uma *jihad* e se calarem contra a intolerância e a desvalorização da figura da mulher, que muitos destes movimentos anti-estadunidenses carregam. A lógica é perversa e pervertida. E fica igualzinha à lógica do imperialismo norte-estadunidense que defende ditadores, quando lhe convém, e ataca a democracia quando não lhe é interessante. O caso mais ilustrativo é o do Talibã fundamentalista, intolerante e obscurantista mas queridinho da CIA enquanto combatia os soviéticos e se alinhavam contra a esquerda. Quando passaram a combater os EUA muita gente da esquerda saudou a "resistência Talibã". E tem muita gente que continua a defendê-los... Peraí, camaradas, resistência do que contra o quê? Do imperialismo islâmico contra o imperialismo estadunidense? A causa em si sumiu. A secularização do ensino, a libertação das mulheres, a separação da religião e

Certos grupos políticos adquiriram o caráter de seita (daí o adjetivo sectário) ao reclamarem o monopólio do saber de esquerda.

Tentam provar que o seu grupo é o único inspirado na divina trindade Marx-Engels-Lenin, além do grande profeta Trotsky. É a esquerda tresloucada que a direita ama. Sua mentalidade protofascista assusta. Agressivos e intolerantes, não admitem discussão e a democracia só tem validade quando eles têm maioria.

do Estado, que existiu no curto período de governo socialista afegão, a causa em si, pela qual vale a pena lutar, desapareceu.

Tem gente da esquerda até hoje fazendo apologia de Saddam Hussein! O assassino de curdos e opositores, inclusive de esquerda. Na mesma ótica míope dos EUA. Quando Saddam era amigo dos Estados Unidos, era nosso inimigo; virou inimigo dos EUA, então passa a valer a pena a sua defesa. É lógico que se deve atacar a invasão estadunidense no Iraque e defender que o povo iraquiano decida seu próprio destino, sem a intervenção dos *mariners*. Mas disto à defesa de Saddam vai uma enorme distância. Sou completamente a favor da luta dos palestinos por uma terra sua, luta justa e anti-imperialista. Mas transformar esta luta, em que vários grupos dentro da Palestina se engalfinham entre si, numa luta socialista, como pregam certos esquerdistas, é uma tremenda fraude histórica. Na luta contra o imperialismo israelita e contra o Estado de Israel (e não contra o povo israelense ou contra os judeus) há uma grande divisão de grupos e

propósitos. Há desde grupos progressistas e com visões laicas, que defendem um território comum para palestinos e israelenses, até grupos que defendem a guerra santa contra os infiéis. Não me venham acusar de antipalestino ou de não entender a diversidade cultural. Fundamentalismos têm de ser combatidos, sejam cristãos, muçulmanos ou de que religião for. Não há base crível em nenhum livro sagrado para o sexismo e a segregação das mulheres ou para a intolerância religiosa. Mas, efetivamente, para alguns grupos que lutam contra Israel esta é a base teórica sobre a qual se movimentam. Numa falsa defesa da “diversidade cultural”, certos intelectuais de esquerda evitam criticar as bandeiras destes movimentos porque se deve ter a “mente aberta para o orientalismo”. É algo absurdo. De maneira nenhuma a característica anti-estadunidense de certos movimentos políticos nos deve cegar para o fato de que são reacionários! Se fossem vitoriosos nas lutas que travam não trariam felicidade para seus povos, trariam, como fizeram no Afeganistão, despotismo, tirania, crueldade e intolerância.

Mas há grupos e partidos no Brasil que de maneira torpe fingem acreditar que movimentos com bandeiras de guerra religiosa podem garantir o futuro socialista da humanidade... Estranha dialética. Como falava o Barão de Itararé, de onde menos se espera é que não sai nada mesmo. Na Palestina se trava uma luta pela independência de um povo, e a única bandeira factível e justa é a de dois Estados e duas nações, laicas, para que judeus e palestinos, em estados seculares e livres, possam levar suas vidas sem guerra, para que as mulheres não sejam segregadas em nome de um Estado falsamente inspirado em princípios “divinos”.

A pureza sectária

Quero chamar atenção para o caráter de seita (daí o adjetivo sectário) que certos grupos políticos adquiriram no Brasil ao reclamarem o monopólio do saber de esquerda. Eles é que conferem atestados de “pureza esquerdista”. Só podem ser considerados de esquerda, socialistas ou marxistas aqueles que rezam na sua cartilha ou são seus aliados, ainda que temporariamente. Assim, todos aqueles que fogem da “pureza” das suas concepções estão relegados ao fogo do inferno não-marxista. São traidores, pelegos, governistas, direitistas, stalinistas, burocratas, revisionistas, e mais quantos rótulos puderem inventar. Tais seitas de esquerda funcionam como determinadas seitas evangélicas e vivem apartadas do mundo

real. Se a conjuntura não concorda com minha análise, dane-se a conjuntura; se o mundo não coincide com meu pensamento, dane-se o mundo. Só sabem fazer política na negação porque não conseguem construir nenhum projeto político factível. Se reduzem a difamar as outras correntes de esquerda e provar a seu próprio grupo de fiéis que a sua igreja é a única inspirada na divina trindade Marx-Engels-Lenin, além do grande profeta Trotsky, é claro. Demonizam os movimentos reais de resistência latino-americana, como Chávez e Evo, se aliam e comemoram vitórias com o DEM e os tucanos.

É a esquerda tresloucada que a direita ama. Sua mentalidade protofascista assusta. Agressivos e intolerantes, não admitem discussão e a democracia só tem validade quando eles têm maioria. Derrotados, no debate ou no voto, tentam bagunçar os processos eleitorais e acusam de golpista a maioria. Do marxismo só aprenderam os insultos, não a tolerância e a convivência respeitosa. Lêem pouco ou quase nada e transformam o materialismo dialético, ciência e método, numa liturgia sagrada onde não cabe a dúvida e a inquirição. Escondem a ignorância da luta real e dos desejos do povo numa meritocracia de cursos, certificados, diplomas e títulos que conferem uns aos outros. De novo chamo Giordano Bruno em meu socorro: ele censurava o enclausuramento do ensino e a meritocracia, com as universidades poucas da época sendo destinadas só aos doutos, e pregava a abertura dos muros. Já alguns dos nossos Marxistas dos Últimos Dias são como os doutores da época da inquisição. Temem o povo na universidade, mas ainda assim se dizem de esquerda e pretendem falar em nome deste povo...

Vivem num mundo próprio, só se reproduzem com os que militam na mesma seita, longe do povo e de suas lutas diárias. Por esta razão, sobrevivem como *quackers* zelando pela pureza de seus ritos e proibições e, por isso, nunca ultrapassam 0,5% do eleitorado. Ainda assim, se jactam de suas próprias construções artificiais e aguardam a volta de Lênin, tal qual Dom Sebastião, que em seu cavalo vermelho salvará a todos do revisionismo diabólico. São a esquerda que a direita adora, a esquerda pela qual a direita pede a Deus longa vida conservadora. Uma esquerda inquisitorial e intolerante que “queima” e afasta a qualquer um que queira sonhar com um mundo melhor e socialista.

***Diretor do Sisejufe.**

O paradoxo andante

Eduardo Galeano*

Cada dia, ao ler os diários, assisto a uma aula de história. Os diários ensinam-me pelo que dizem e pelo que calam. A história é um paradoxo andante. A contradição move-lhe as pernas. Talvez por isso os seus silêncios dizem mais que suas palavras e muitas vezes as suas palavras revelam, mentindo, a verdade.

Dentro em breve será publicado um livro meu chamado *Especijos*. É algo assim como uma história universal, e desculpem o atrevimento. “Posso resistir a tudo, menos à tentação”, dizia Oscar Wilde, e confesso que sucumbi à tentação de contar alguns episódios da aventura humana no mundo do ponto de vista dos que não saíram na foto. Pode-se dizer que não se trata de fatos muito conhecidos. Aqui resumo alguns, apenas uns poucos.

Quando foram desalojados do Paraíso, Adão e Eva mudaram-se para África, não para Paris. Algum tempo depois, quando seus filhos já se haviam lançado pelos caminhos do mundo, foi inventada a escrita. No Iraque, não no Texas. Também a álgebra foi inventada no Iraque. Foi fundada por Mohamed al Jwarizmi, há mil e duzentos anos, e as palavras algoritmo e algarismo derivam do seu nome.

Os nomes costumam não coincidir com o que nomeiam. No British Museum, por exemplo, as esculturas do Partenon chamam-se “mármore de Elgin”, mas são mármore de Fídias. Elgin era o nome do inglês que as vendeu ao museu. As três novidades que tornaram possível o Renascimento europeu, a bússola, a pólvora e a im-

prensa, haviam sido inventadas pelos chineses, que também inventaram quase tudo o que a Europa reinventou.

Os hindus souberam antes de todos que a Terra era redonda e os maias haviam criado o calendário mais exato de todos os tempos. Em 1493, o Vaticano presenteou a América à Espanha e obsequiou a África negra a Portugal, “para que as nações bárbaras sejam reduzidas à fé católica”. Naquele tempo a América tinha quinze vezes mais habitantes que a Espanha e a África negra cem vezes mais que Portugal. Tal como havia mandado o Papa, as nações bárbaras foram reduzidas. E muito.

Tenochtitlán, o centro do império azteca, era de água. Hernán Cortés demoliu a cidade pedra por pedra e, com os escombros, tapou os canais por onde navegavam duzentas mil canoas. Esta foi a primeira guerra da água na América. Agora Tenochtitlán chama-se México DF. Por onde corria a água, agora correm os automóveis. O monumento mais alto da Argentina foi erguido em homenagem ao general Roca, que no século XIX exterminou os índios da Patagônia.

A avenida mais longa do Uruguai tem o nome do general Rivera, que no século XIX exterminou os últimos índios charruas. John Locke, o filósofo da liberdade, era acionista da Royal Africa Company, que comprava e vendia escravos. No momento em que nascia o século XVIII, o primeiro dos Bourbons, Felipe V, estreou o seu trono assinando um contrato com o seu primo, o rei da França, para que a Com-

pagnie de Guinée vendesse negros na América. Cada monarca ficava com 25 por cento dos lucros. Nomes de alguns navios negreiros: Voltaire, Rousseau, Jesus, Esperança, Igualdade, Amizade.

Dois dos Pais Fundadores dos Estados Unidos desvaneceram-se na névoa da história oficial. Ninguém se recorda de Robert Carter nem de Gouverneur Morris. A amnésia recompensou os seus atos. Carter foi a única personalidade eminente da independência que libertou seus escravos. Morris, redator da Constituição, opôs-se à cláusula estabelecendo que um escravo equivalia às três quintas partes de uma pessoa.

“O nascimento de uma nação”, a primeira super-produção de Hollywood, foi estreada em 1915, na Casa Branca. O presidente, Woodrow Wilson, aplaudiu-a de pé. Ele era o autor dos textos do filme, um hino racista de louvação à Ku Klux Klan. Algumas datas: desde o ano 1234, e durante os sete séculos seguintes, a Igreja Católica proibiu que as mulheres cantassem nos templos. As suas vozes eram impuras, devido àquele caso da Eva e do pecado original.

No ano de 1783, o rei da Espanha decretou que não eram desonrosos os trabalhos manuais, os chamados “ofícios vis”, que até então implicavam a perda da fidalguia. Até o ano de 1986 foi legal o castigo das crianças, nas escolas da Inglaterra, com correias, varas e porretes. Em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade, em 1793 a Revolução Francesa proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A militante revolucionária Olympia de Gouges propõe então a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. A guilhotina cortou-lhe a cabeça.

Meio século depois, outro governo



revolucionário, durante a Primeira Comuna de Paris, proclamou o sufrágio universal. Ao mesmo tempo, negou o direito de voto às mulheres, por unanimidade menos um: 899 votos contra, um a favor. A imperatriz cristã Teodora nunca disse ser uma revolucionária, nem nada que se parecesse. Mas há mil e quinhentos anos o império bizantino foi, graças a ela, o primeiro lugar do mundo onde o aborto e o divórcio foram direitos das mulheres.

O general Ulisses Grant, vencedor da guerra do Norte industrial contra o Sul escravocrata, foi a seguir presidente dos Estados Unidos. Em 1875, respondendo às pressões britânicas, respondeu: – Dentro de duzentos anos, quando tivermos obtido do protecionismo tudo o que ele nos pode proporcionar, também nós adotaremos a liberdade de comércio. Assim, pois, em 2075, o país mais protecionista do mundo adotará a liberdade de comércio.

“Botinzito” foi o primeiro cão pequês que chegou à Europa. Viajou para Londres em 1860. Os ingleses batizaram-no assim porque era parte do botim extorquido à China no fim das longas guerras do ópio. Vitória, a rainha narcotraficante, havia imposto o ópio a tiros de canhão. A China foi

convertida num país de drogados, em nome da liberdade, a liberdade de comércio. Em nome da liberdade, a liberdade de comércio, o Paraguai foi aniquilado em 1870. Ao cabo de uma guerra de cinco anos, este país, o único das Américas que não devia um centavo a ninguém, inaugurou a sua dívida externa. Às suas ruínas fumegantes chegou, vindo de Londres, o primeiro empréstimo. Foi destinado a pagar uma enorme indenização ao Brasil, Argentina e Uruguai. O país assassinado pagou aos países assassinos, pelo trabalho que haviam tido em assassiná-lo.

O Haiti também pagou uma enorme indenização. Desde que, em 1804, conquistou a sua independência, a nova nação arrasada teve que pagar à França uma fortuna, durante um século e meio, para espiar o pecado da sua liberdade. As grandes empresas têm direitos humanos nos Estados Unidos. Em 1886, a Suprema Corte de Justiça estendeu os direitos humanos às corporações privadas, e assim continua a ser. Poucos anos depois, em defesa dos direitos humanos das suas empresas, os Estados Unidos invadiram dez países, em diversos mares do mundo. Mark Twain, dirigente da Liga Antiimperialista, propôs então uma nova bandeira, com caveirinhas em lugar de

estrelas. E outro escritor, Ambrose Bierce, confirmou: – A guerra é o caminho escolhido por Deus para nos ensinar geografia. Os campos de concentração nasceram na África. Os ingleses iniciaram o experimento, e os alemães desenvolveram-no. Depois disso Hermann Göring aplicou na Alemanha o modelo que o seu papa havia ensaiado, em 1904, na Namíbia. Os professores de Joseph Mengele haviam estudado, no campo de concentração da Namíbia, a anatomia das raças inferiores. As cobaias eram todas negras.

Em 1936, o Comitê Olímpico Internacional não tolerava insolências. Nas Olimpíadas de 1936, organizadas por Hitler, a seleção de futebol do Peru derrotou por 4 a 2 a seleção da Áustria, o país natal do Führer. O Comitê Olímpico anulou a partida. A Hitler não lhe faltaram amigos. A Rockefeller Foundation financiou investigações raciais e racistas da medicina nazi. A Coca-Cola inventou a Fanta, em plena guerra, para o mercado alemão. A IBM tornou possível a identificação e classificação dos judeus, e essa foi a primeira façanha em grande escala do sistema de cartões perfurados.

*Escritor uruguaio. Texto publicado originalmente no jornal argentino Página 12.

A linguagem do pr

Virou moda dizer que “Lula não entende das coisas”. Ou “confundi
É a linguagem do preconceito, adotada até mesmo por jornalistas ilustres e escritores consagrados.

Bernardo Kucinski*

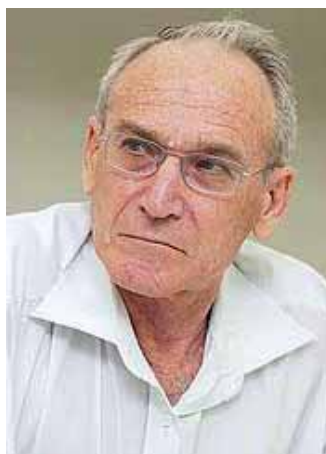
Um dia encontrei Lula, ainda no Instituto Cidadania, em São Paulo, empolgado com um livro de Câmara Cascudo sobre os hábitos alimentares dos nordestinos. Lula saboreava cada prato mencionado, cada fruta, cada ingrediente. Lembrei-me desse episódio ao ler a coluna recente do João Ubaldo Ribeiro, “De caju em caju”, em que ele goza o presidente por falar do caju, “sem conhecer bem o caju”. Dias antes, Lula havia feito um elogio apaixonado ao caju, no lançamento do Projeto Caju, que procura valorizar o uso da fruta na dieta do brasileiro.

“É uma pena que o presidente Lula não seja nordestino, portanto não conheça bem a farta presença sociocultural do caju naquela remota região do país...”, escreveu João Ubaldo. Alegou que Lula não era nordestino porque tinha vindo ainda pequeno para São Paulo. E em seguida esparramou citações sobre o caju, para mostrar sua própria erudição. Estou falando de João Ubaldo porque, além de escritor notável, ele já foi um grande jornalista.

Outro jornalista ilustre, o querido Mino Carta, escreveu que Lula “confunde” parlamentarismo com presidencialismo. “Seria bom”, disse Mino, “que alguém se dispusesse a explicar ao nosso presidente que no parlamentarismo o partido vencedor das eleições assume a chefia do governo por meio de seu líder...” Essa do Mino me fez lembrar outra ocasião, no Instituto Cidadania, em que Lula defendeu o parlamentarismo.



João Ubaldo



Kucinski

Parlamentarista convicto, Lula diz que partidos são os instrumentos principais de ação política numa democracia. Pelo mesmo motivo Lula é a favor da lista partidária única e da tese de que o mandato pertence ao partido. Em outubro de 2001, o Instituto Cidadania iniciou uma série de seminários para o Projeto Reforma Política, aos quais Lula fazia questão de assistir do começo ao fim. Desses seminários resultou um livro de 18 ensaios, Reforma Política e Cidadania, organizado por Maria Victória Benevides e Fábio Kerche, prefaciado por Lula e editado pela Fundação Perseu Abramo.

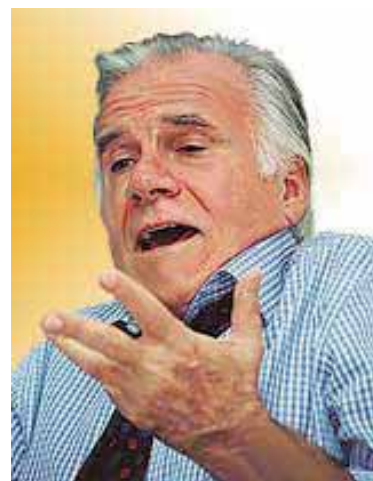
Clichês e malandragem

Se pessoas com a formação de um Mino Carta ou João Ubaldo sucumbiram à linguagem do preconceito, temos mais é que perdoar as dezenas de jornalistas de menos prestígio que também dizem o tempo todo que “Lula não sabe nada disso, nada daquilo”. Acabou virando o que em teoria do jornalismo chamamos de “clichê”. É

muito mais fácil escrever usando um clichê porque ele sintetiza idéias com as quais o leitor já está familiarizado, de tanto que foi repetido. O clichê estabelece de imediato uma identidade entre o que o jornalista quer dizer e o desejo do leitor de compreender. Por isso, o clichê do preconceito “Lula não entende” realimenta o próprio preconceito.

Alguns jornalistas sabem que Lula não é nem um pouco ignorante, mas propagam essa tese por malandragem política. Nesse caso, pode-se dizer que é uma postura contrária à ética jornalística, mas não que seja preconceituosa. Aproveitam qualquer exclamação ou uso de linguagem figurada de Lula para dizer que ele é ignorante. “Por que Lula não se informa antes de falar?”, escreveu Ricardo Noblat em seu blog, quando Lula disse que o caso da menina presa junto com homens no Pará “parecia coisa de ficção”. Quando Lula disse, até com originalidade, que ainda faltava à política externa brasileira achar “o ponto G”, William Waack escreveu: “Ficou claro que o presidente brasileiro não sabe o que é o ponto G”.

Outra expressão preconceituosa que pegou é “Lula confunde”. A tal ponto que jornalistas passam a usar essa expressão para fazer seus próprios jogos de palavras. “Lula confunde agitação com trabalho”, escreveu Lucia Hippolito. Empregam o “confunde” para desqualificar uma posição programática do presidente com a qual não concordam. “O presidente confunde choque de gestão com aumento de contratações”, diz o consultor José Pastore, fonte habitual da imprensa conservadora.



Mino Carta

Preconceito

Confunde coisa alguma. Os neoliberais querem reduzir o tamanho do Estado, o presidente quer aumentar. Quer contratar mais médicos, professores, biólogos para o Ibama. É uma divergência programática. Carlos Alberto Sardenberg diz que Lula “confundiu” a Vale com uma estatal. “Trata-a como se fosse a Petrobras, empresa que segundo o presidente não pode pensar só em lucro, mas em, digamos, ajudar o Brasil.” Esse caso é curioso porque no parágrafo seguinte o próprio Sardenberg pode ser acusado de confundir as coisas, ao reclamar de a Petrobras contratar a construção de petroleiros no país, apesar de custar mais. Aqui, também, Lula não fez confusão: o presidente acha que tanto a Vale quanto a Petrobras têm de atender interesses nacionais; Sardenberg acha que ambas devem pensar primeiro na remuneração dos acionistas.

Filosofia da ignorância

A linguagem do preconceito contra Lula sofisticou-se a tal ponto que adquiriu novas dimensões, entre elas a de que Lula teria até problemas de aprendizagem ou de compreensão da realidade. Ora, justamente por ter tido pouca educação formal, Lula só chegou aonde chegou por captar rapidamente novos conhecimentos, além de ter memória de elefante e intuição. Mas, na linguagem do preconceito, “Lula já não consegue mais encadear frases com alguma consequência lógica”, como escreveu Paulo Ghiraldelli, apresentado como filósofo na página de comentários importantes do Estadão. Ou, como escreveu Rolf Kunz, jornalista especializado em economia e também professor de filosofia: “Lula não se conforma com o fato de, mesmo sendo presidente, não entender o que ocorre à sua volta”.

Como nasceu a linguagem do preconceito? As investidas vêm de longe. Mas o predomínio dessa linguagem na crônica política só se deu depois de Lula ter sido eleito presidente, e a partir de falas de políticos do PSDB e dos que hoje se autodenominam Democratas. “O presidente Lula não sabe o que é pacto federativo”, disse Serra, no ano passado. E continuam a falar: “O presidente Lula não sabe distinguir a ordem das prioridades”, escreveu Gilberto de Mello. “O presidente Lula em cinco anos não aprendeu lições básicas de

gestão”, escreveu Everardo Maciel na Gazeta Mercantil.

A tese de que Lula “confunde” presidencialismo com parlamentarismo foi enunciada primeiro por Rodrigo Maia, logo depois por César Maia, e só então repetida pelos jornalistas. Um deles, Daniel Piza, dias depois dessas falas, escreveu que “só mesmo Lula, que não sabe a diferença entre presidencialismo e parlamentarismo, pode achar que um governante ter a aprovação da maioria é o mesmo que ser uma democracia no seu sentido exato”.

Preconceito é juízo de valor que se faz sem conhecer os fatos. Em geral é fruto de uma generalização ou de um senso comum rebaixado. O preconceito contra Lula tem pelo menos duas raízes: a visão de classe, de que todo operário é ignorante, e a supervalorização do saber erudito, em detrimento de outras formas de saber, tais como o saber popular ou o que advém da experiência ou do exercício da liderança. Também não se aceita a possibilidade de as pessoas transitarem por formas diferentes de saber.

A isso tudo se soma o outro preconceito, o de que Lula não trabalha. Todo jornalista que cobre o Palácio do Planalto sabe que é mentira, que Lula trabalha de 12 a 14 horas por dia, mas ele é descrito com frequência por jornalistas como uma pessoa indolente.

Não atino com o sentido dessa mentira, exceto se o objetivo é difamar uma liderança operária, o que é, convenhamos, uma explicação pobre. Talvez as elites, e com elas os jornalistas, não consigam aceitar que o presidente, ao estudar um problema com seus ministros, esteja trabalhando, já que ele é “incapaz de entender” o tal problema. Ou achem que, ao representar o Estado ou



Foto: Valter Campanato/Abr

o país, esteja apenas passeando. Afinal, onde já se viu um operário, além do mais ignorante, representar um país?

Fontes: João Ubaldo Ribeiro, O Estado de S. Paulo, 2/9/2007. Blog do Mino Carta, 16/11/2007. Blog do William Waack, 2/12/2007. Texto de Lúcia Hipólito no UOL, 24/07/2007. José Pastore, artigo no Estadão, 11/12/2007. Carlos Alberto Sardenberg, “De bronca com o capital”, Estadão, 10/12/2007. Filósofo Paulo Ghiraldelli, Estadão, 29/8/2007. Rolf Kunz, “Lula, o viajante do palanque”, Estadão, 29/11/2007. José Serra, em Folha On Line, 1º/8/2006, em reportagem de Raimundo de Oliveira. Gilberto de Mello, escritor e membro do Instituto Brasileiro de Filosofia, no Estadão de 2/8/2007, reproduzido no site do PSDB. Everardo Maciel, na Gazeta Mercantil de 4/10/2007. Rodrigo Maia, em declaração à Rádio do Moreno, 6/11/2007, 17h20. César Maia em seu blog, 12/11/2007. E Daniel Piza em texto do Estadão de 2/12/2007.

*Bernardo Kucinski é professor titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. Foi produtor e locutor no serviço brasileiro da BBC de Londres e assistente de direção na televisão BBC. É autor de vários livros sobre jornalismo. Artigo originalmente publicado na Revista do Brasil.

Somos uma nação de gangsters

John Hemingway*

A tortura é americana como a torta de maçã. Ela é parte do que nós somos, a atual política da administração dos EUA, e considerada uma ferramenta prática por 40% dos americanos na guerra contra o terror (segundo recente pesquisa). Isso é o que nós fazemos com os estrangeiros capturados nos campos de batalha do Afeganistão e do Iraque e com cidadãos americanos presos no Aeroporto Internacional O'Hare, em Chicago. Nós colocamos todos na prisão e então usamos o que Bush e companhia gostam de chamar de "avançadas técnicas de interrogatório", para extrair confissões e "colocar a inteligência em ação".

Nós praticamos a privação de sentidos, cobrindo os prisioneiros com capuz preto e conectando seus órgãos genitais e unhas a baterias de carros no Iraque ou no "gulag" cubano. Nós os ameaçamos com cães latindo, nós quebramos seus ossos e os violentamos com cabos de vassoura, nós praticamos o "water-board" (técnica de tortura que consiste em jogar um balde d'água no rosto do prisioneiro amarrado pelos pés e pelas mãos), fazendo-os acreditar que serão afogados, lentamente deixando-os sufocar e engasgar enquanto a água enche seus pulmões e estômagos.

Nós somos uma nação de criminosos e gangsters e mesmo que a maioria de nós nunca tenha praticado qualquer uma dessas torturas, isso não nos deixa de fora. Os crimes são sempre cometidos em nosso nome, pelo nosso governo, e enquanto esse governo está aí, nós somos responsáveis por tudo que acontece. Isso é verdadeiro em qualquer lugar do mundo, e muito especialmente nos EUA, onde a De-



claração de Independência fala em "governo para o povo, pelo povo e do povo". Essa administração de tortura pertence a nós. Nós a criamos e Bush é nosso garoto, nosso pequeno homem cruel.

Nós compartilhamos com Bush de seus desejos mais obscuros porque fundamentalmente nós não somos diferentes. Nós fingimos que queremos o fim das guerras de Bush mas nunca acabamos com elas. Nós elegemos um novo Congresso e um novo Senado para "trazer as tropas de volta para casa" e então assistimos, sem reclamar, este Congresso e este Senado votarem pela manutenção das guerras, liberando mais dinheiro e mais homens.

Não tem limite o que nós toleramos. A decadência moral é significativa e completa. Nós nos destruimos a nós mesmos, a nossa economia e o nosso país ao matar mais de um milhão de pessoas no Iraque e ninguém vai para as ruas protestar e exigir um novo governo.

Enquanto não houver convocação obrigatória, a guerra não nos afeta e nossos filhos e filhas estão seguros, ou achamos que sim. Somente os pobres e membros das minorias se alistam como voluntários. Os outros são isentos. Livres para continuar gastando en-

quanto o mercado imobiliário despenca, o dólar se desvaloriza e a mais recente nomeação de Bush para o cargo de Advogado Geral, Michael Mukasey, declara diante do Senado que não sabe se "water-boarding" é tortura ou não. Mukasey, é claro, acha a tortura "repugnante" mas não sabe o suficiente sobre "water-boarding" e os efeitos de uma simulação de afogamento para dizer se a prática pode constituir uma violação da Constituição americana.

E o Senado o que faz? Rejeita furiosamente a indicação dele porque é óbvio que qualquer idiota sabe muito bem que "water-boarding" é tortura e como tal viola a Convenção de Genebra e a Constituição (que proíbe "castigo cruel e incomum")? Coloca ele pra fora e ao mesmo tempo manda um recado a Bush e seus assassinos cobrando dignidade moral? Nos leva a percorrer o longo caminho de reparar os prejuízos que nós causamos?

Nada disso. O Senado aprova a indicação e Mukasey será confirmado no cargo de Advogado Geral dos EUA, ou seja, o xerife encarregado de cumprir a lei nessa terra de tortura.

*Escritor e tradutor. Historiador formado pela Universidade da Califórnia (UCLA). Neto do célebre escritor Ernest Hemingway. Originalmente publicado no sítio <http://diretodaredacao.com>

A bela da noite

Marlene de Lima*

O casarão do Alto da Boa Vista todo iluminado. Bodas de prata de Ana e Celso. A festa ia pela madrugada e, àquela altura dos uísques e champagnes, Roberto e Sinatra perdiam feio pra Zeca Pagodinho. No vai-e-vem dos garçons, os olhos turquesa de uma desconhecida desafiavam minha timidez. O vestido, também azul, mal lhe cobria os joelhos, em desacordo com os modelitos das outras mulheres – longos, como exigia a ditadura dos estilistas. Eu sustentava a mirada, e a diva sorria de leve.

No início da festa, a vi perto do tablado, no jardim, bem no momento em que o vocalista da banda mandou um “Stranger in the night”. Notou minha presença e parecia gostar de Sinatra, tanto quanto eu. Sempre fui um romântico. Depois, no salão, ia falar com ela, mas, atropelado por um garçon, eu a perdi no meio da confusão de pessoas dançando.

Antes de procurá-la, porém, precisava de um banheiro. Fugi da fila humilhante e fui pela entrada lateral, que levava aos dormitórios – sorte ser irmão da dona da casa. Ouvi passos atrás de mim, na escada. Alguém mais tivera a mesma idéia.

Pasmado, vi minha dama de azul, lépida, me ultrapassar. Meu fraco boa-noite se perdeu no silêncio. Ela percorreu com familiaridade o pequeno vestíbulo e, mais devagar, caminhou até o banheiro. Pude observá-la: estatura mediana, cabelos curtos e louros. Seus saltos à Luís XV calcavam, sutis, o carpete cinza. O tecido mole do vestido se apoiava no drapeado dos qua-

dris, realçados por uma faixa de cetim branco balançando com graça.

Sentei-me num pufe, disposto a esperar. Meus trinta anos não ajudavam em nada com as mulheres. Uma correria escada acima – meu sobrinho de treze anos chegou esbaforido. “Tio Max, aí sentado?” “Na fila do banheiro!” “E eu, idem!”

O papo se estendia pelas praias, meninas, skates, e nada de chegar a nossa vez. Pedro achou que um de nós devia bater na porta. Protestei, mas ninguém é de ferro. Enfim, ele foi lá. Bateu, e nada.

Girou a maçaneta e entrou. “Tio, não tem ninguém aqui.” Abri a cortina do box. Olhei atrás do biombo de ripas trançadas. A bela virou fumaça. O garoto ria do meu cochilo, mas passei o resto da noite buscando aquele rosto em cada mulher loura de azul.

Ana não se lembrava dela: “Ah, amiga de alguém.” Cansado, caí feito uma pedra na cama do quarto de hóspedes.

Lá pelo meio-dia, eu curava a ressaca na piscina. A empregada acenou para mim com alguma coisa branca. Me aproximei. Era a tal faixa de cetim. Neide não segurou o sorrisinho safado: “Encontrei no chão do seu quarto. Nem viu quando acordou, hein, seu Max?” Abismado, perguntei: “Neide, viu a moça que usava isto no vestido? Lourinha, magra, de azul...” Descrevi a roupa, os sapatos. “Isso foi moda faz tempo, seu Max. Dormiu com alguma velhota? É nisso que dá encher o pote.” – concluiu às gargalhadas.

*Funcionária aposentada do TRT-RJ.



O Oriente Médio nada tem

Robert Fisk*

Enquanto uma bomba explode em Beirute, e Israel mata 19 em ataques a Gaza, Bush leva sua missão de paz à Arábia Saudita (e fecha negócio de 20 bilhões de dólares em armas para esse regime repressor). Entre lençóis de seda – num quarto de paredes também revestidas de seda – e no próprio palácio do rei Abdullah, da Arábia Saudita, George Bush acordou num Oriente Médio que nada tem a ver com as políticas de seu governo nem com o que ele repete incansavelmente aos reis e emires e oligarquias do Golfo: que o inimigo não é Israel, mas o Irã. (...)

Tudo fantasia e mentiras, é claro, como as palavras que os árabes ouviram dos americanos desde que o presidente em final de mandato começou sua rodada turística pelo Oriente Médio. Mas parecia “de verdade”, a quem visse aquela figura ridícula e sem sentido, de braços dados com o rei, em passos que, presumo, deveriam ser alguma espécie de dança, brandindo uma enorme e fulgurante espada saudita, espécie de Saladino fora de hora, que deixaria embaixacado o líder curdo que destruiu os cruzados, no local ao qual hoje Bush refere-se como “a disputada margem oriental”.

A explosão do carro-bomba

É isto um “*lame duck*”? É esta a imagem que querem mostrar ao mundo os presidentes norte-americanos em final de mandato? Esta pergunta deve estar em todas as cabeças, no Oriente Médio, depois de assistir àquela cena espantosa. Desde a revolução iraniana de 1979, o Oriente Médio está sendo devastado por uma Guerra Fria muçulmana – mas... será este o modo pelo qual Bush supõe que se deva lutar pela alma do Islã?

Na mesma noite, o mundo de Bush voava pelos ares em Beirute, quando um enorme carro-bomba explodiu perto de uma caminhonete que conduzia funcionários da embaixada norte-americana, matando quatro libaneses e ferindo gravemente, pelo que se sabe, um motorista da embaixada. E enquanto Bush descansava na casa de campo

do rei saudita, em Al Janadriyah, o exército de Israel matou 19 palestinos na Faixa de Gaza, a maioria dos quais membros do Hamas, um dos quais filho de Máh moude Zahar, um dos líderes do movimento. Zahar falou para dizer que Israel não teria atacado – no dia em que um israelense foi morto por um foguete palestino – se não tivesse sido encorajado a agir, por George Bush.

Realidade e delírio

A diferença entre a realidade e os delírios do governo dos EUA não poderia ser mais selvagem e mais claramente ilustrada. Depois de prometer aos palestinos “um Estado soberano e contíguo” para antes do final do ano, e pregando “segurança” para Israel – embora não tenha falado, como os árabes observaram, de segurança “para os palestinos” – Bush chegou ao Golfo para aterrorizar os reis e oligarcas de impérios encharcados de petróleo, sobre o perigo de uma agressão iraniana. Como sempre, trouxe as sempre repetidas oferendas de armas norte-americanas para proteger regimes e estados conhecidos em todo o mundo por serem anti-democráticos, para que combatam contra a mais poderosa nação do “eixo do mal”.

Foi exemplo potente – embora perverso – da perambulação de Bush pelo Oriente Médio árabe, da “volta à política do medo” que Washington regularmente requebra para os líderes do Golfo. Concorde em fornecer aos sauditas pelo menos 41 milhões de libras em armas, valor que deve chegar a mais de 10 bilhões de libras em armas para os potentados do Golfo, em negócios anunciados no ano passado – armas que se espera que os blindem contra supostas ambições territoriais do fanático Mahmoud Ahmadinejad. Como sempre, Washington prometeu aos israelenses preservar “o padrão qualitativo” do armamento mais moderno, na hipótese de que os sauditas – que nunca fizeram guerra senão contra Saddam Hussein depois que invadiu o Kuwait em 1990 – decidam embarcar num ataque suicida contra o único real aliado dos EUA no Oriente Médio.

Nada, evidentemente, foi exposto nestes termos aos árabes. Bush deixou-se fotografar beijando ostensivamente as bochechas do rei Abdullah e de mãos dadas com o tirano cujo Estado muçulmano recentemente “perdoou” uma mulher saudita acusada de



a ver com os delírios de Bush

Fotos retiradas da internet



A diferença entre a realidade e os delírios do governo dos EUA não poderia ser mais selvagem e mais claramente ilustrada. Brandindo uma enorme e fulgurante espada saudita, espécie de Saladino fora de hora, Bush deixaria embasbacado o líder curdo que destruiu os cruzados.

adultério depois de ter sido estuprada sete vezes no deserto nos arredores de Riad. Os sauditas, desnecessário lembrar, sabem que o reinado de Bush está terminando, afundado no caos no Paquistão, em desastrosa guerrilha contra o ocidente no Afeganistão, enfrentando feroz resistência em Gaza, à beira da guerra civil no Líbano e tendo de sobreviver no inferno que criou no Iraque. (...)

A fábula do bem contra o mal

Para os líderes árabes, a mensagem de Bush aos líderes do Golfo nada traz de novidade. Nos anos 80, quando Reagan apoiou Saddam Hussein na invasão do Irã, Washington consumiu horas em advertências aos líderes do Golfo, sobre o perigo que o Irã representaria. Depois que Saddam invadiu o Kuwait, o discurso dos EUA mudou: o maior perigo, então, passou a ser o Iraque. Mas tão logo o emirado foi libertado, os milionários do petróleo, outra vez, foram informados de que, outra vez, o inimigo era o Irã.

Os árabes já não se deixam enganar por esta fábula de “o bem contra o mal”, tampouco acreditam nas promessas de Bush de que ajudará a criar um Estado palestino até o final do ano, promessas feitas apenas um dia antes de Israel admitir publicamente que planeja construir mais prédios para alojar colonos em terras palestinas, além das colônias ilegais já existentes em território palestino.

Para entender a natureza deste extraordinário relacionamento com os monarcas do Golfo, é preciso lembrar que desde que Bush-pai prometeu criar “um oásis de paz, sem armas” no Golfo, Washington – além da Inglaterra, França e Rússia – jamais parou de fazer chover armas na região.

Ao longo da última década, os árabes do Golfo trocaram bilhões de petrodólares por armamento norte-americano. As estatísticas são claras. Só em 1998 e 1999, os militares árabes do Golfo gastaram 40 bilhões de libras. Entre 1997 e 2005, os xeques dos Emirados Árabes Unidos – que receberam Bush antes de ele partir para Riad – assinaram contratos de compras de armas equivalentes a 9 bilhões de libras com fornecedores ocidentais. Entre 1991 e 1993 – quando “o inimigo” era o Iraque – a Missão de Treinamento Militar do EUA administrava negócios de mais de 14 bilhões de libras relativos a armas sauditas e 12 bilhões de compras

de novas armas norte-americanas. Nesta época, os sauditas já possuíam 72 aviões-bombardeiros, F-15 norte-americanos e 114 Tornados ingleses.

Pouca coisa mudou nos últimos 17 anos. Dia 17 de maio de 1991, por exemplo, Bush-pai disse que então havia “razões reais para sermos otimistas” sobre a paz no Oriente Médio. “Continuaremos a trabalhar no processo [de paz]”, disse então, “Não desistiremos.” James Baker, então Secretário de Estado, declarou, dia 23 de maio de 1991, que continuar a construir prédios nas colônias israelenses, em território palestino, “ameaça gravemente uma futura paz no Oriente Médio”, exatamente o que disse, semana passada, a atual Secretária de Estado. Em 1991, era Dick Cheney quem garantia, em nome dos EUA, a “segurança” de Israel.

O Velho Oriente Médio

O Ocidente tem memória curta. Os árabes, não. Os árabes vivem na área de propriedade privada que conhecemos como Oriente Médio e não são idiotas. Eles entendem perfeitamente o que Bush está fazendo. Depois de muito pregar “a democracia” na região – pregação que resultou em vitórias eleitorais democráticas dos xiitas no Iraque, do Hamas em Gaza e importante ganho de poder político para a irmandade muçulmana no Egito – até Washington já percebeu que alguma coisa não deu muito certo no modelo de prioridades de Bush.

Em vez de insistir em algum “Novo Oriente Médio”, Bush, refestelado nos lençóis de seda do palácio do rei saudita, está falando, hoje, sobre todos voltarem ao “Velho Oriente Médio”, ao tempo das polícias secretas, das câmaras de tortura – nas quais os prisioneiros podem ser proveitosamente “convencidos” – e aos presidentes e monarcas ditatoriais e “moderados”. Quem, dos déspotas do Golfo, teria alguma objeção contra isto?

* © 2008 Independent News and Media Limited – “Bloody reality bears no relation to the delusions of this President”, The Independent, UK, 16/1/2008.
A íntegra deste artigo pode ser encontrada em <http://news.independent.co.uk/fisk/article3342174.ece>
Tradução: Castor Filho (Beatrice13)

A PRIMEIRA VÍTIMA DE UMA CRIANÇA-SOLDADO...





**Aulas dinâmicas
com ênfase em conversação**

**Primeiro módulo:
Básico para iniciantes**

Mensalidades reduzidas

Sindicalizados

e dependentes diretos R\$ 30,00

Não sindicalizados R\$ 100,00

Professora Silvana Amorim

- formada pelo Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano
- graduada em Letras Português-Inglês

Mais informações: www.sisejufe.org.br

ou pelo telefone 2215-2443 com Roberto ou Rejane

Início

25 de fevereiro

**Segundas e quartas-feiras
das 9h30min às 11h**

Local: Sisejufe

Av. Presidente Vargas, 509/11º andar – Centro – RJ



PASSEIO

P

PÚBLICO

dance



Convênio c/ SISEJUFE

**Entrada grátis de
Terça a Sábado.**

(mediante apresentação de crachá)

PROMOÇÃO PARA ANIVERSARIANTES

**Acima de 15 convidados,
o aniversariante tem
direito a um bolo**

Espaço ideal para qualquer tipo de evento: Reuniões Empresariais, Almoço, Jantares e Cocktails.

www.passeiopublicodance.com.br

**De Segunda a Sexta, a partir das 18h. Sábado, a partir das 21h.
Av. Rio Branco, 277 - Centro - RJ (Em frente ao Cine Odeon)**